



SAMUEL HAHNEMANN

**EXPOSIÇÃO DA
DOCTRINA HOMEOPÁTICA**

OU

**ORGANON
DA ARTE DE CURAR**

TRADUZIDO DA 6ª EDIÇÃO ALEMÃ
8ª EDIÇÃO BRASILEIRA
2022

**GEHSP
<<Benoit Mure>>**





Copyright © 2018 by GEHSP “BENOIT MURE”

Exposição da Doutrina Homeopática ou ORGANON DA ARTE DE CURAR
Autor: Samuel Hahnemann

Tradução: GEHSP “Benoit Mure”

Revisão do original alemão para esta edição: Célia de Vasconcelos Koermandy

Revisão técnica: GEHSP “Benoit Mure”

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Programação Visual, Projeto Editorial
e Produção Gráfica



SERVIDEIAS
IMPRESSÃO & CRIAÇÃO

E-mail: trip.servideias@uol.com.br
☎ 11 98543-7808

Hahnemann, Samuel, 1755 - 1843

Exposição da doutrina homeopática, ou, Organon da Arte de Curar / Samuel Hahnemann | Tradução: David Castro, Rezende Filho, Kamil Curi | - São Paulo: GEHSP “Benoit Mure”, 2017

Título original: Organon der Heilkunst
Traduzido da 6ª ed. alemã - 6ª ed. brasileira.

1. Homeopatia - Matéria Médica e Terapêutica
2. Homeopatia - Obras de divulgação I. Título.
- II. Título: Organon da Arte de Curar

95 - 1400

CDD-615.532

NLM-WB 930

Índices para catálogo sistemático:

1. Homeopatia : Doutrina e prática : Ciências médicas 615.532

Grupo de Estudos Homeopáticos de São Paulo “Benoit Mure”
Rua Olavo Egídio, 379 - Santana - CEP: 02037-000 - São Paulo - SP
Telefone: (11) 2977-9005 - e-mail: bentomure@ig.com.br





Sapere aude

Sumário

Prefácio à terceira edição brasileira - 2002.....	<i>V</i>
Nota explicativa à segunda edição brasileira -1995.....	<i>VII</i>
Nota explicativa à segunda reimpressão.....	<i>VIII</i>
Nota explicativa à primeira reimpressão brasileira.....	<i>IX</i>
Resumo biográfico de Samuel Hahnemann.....	<i>X</i>
Preâmbulo à primeira edição brasileira.....	<i>XI</i>
Prefácio da primeira edição.....	<i>XV</i>
Prefácio da segunda edição.....	<i>XVI</i>
Prefácio da terceira edição.....	<i>XX</i>
Prefácio da quarta edição.....	<i>XXI</i>
Prefácio da quinta edição.....	<i>XXIII</i>
Prefácio da tradução portuguesa à 5ª edição.....	<i>XXV</i>
Prefácio do Dr. William Boericke à 6ª edição.....	<i>XXVIII</i>
Prefácio da sexta edição.....	<i>XXXI</i>
Introdução.....	<i>XXXV</i>
Exemplos de curas homeopáticas verificadas involuntariamente por médicos da escola antiga.....	<i>LXI</i>
Notas da introdução.....	<i>LXV</i>

Organon da Arte de Curar

Parágrafos de 1 a 291.....	<i>1 a 179</i>
Tradução dos principais parágrafos da 5ª edição modificados na 6ª edição.....	<i>180</i>
Tradução dos trechos em latim.....	<i>194</i>
Glossário.....	<i>195</i>
Índice analítico do conteúdo dos aforismos.....	<i>201</i>







Prefácio à 3ª Edição Brasileira

“Em verdade, em verdade te digo
que se um homem não nascer de
novo ele não pode ver o reino de
Deus.”

Nada há de mais novo na Medicina que o conhecimento e a aplicação do conteúdo da obra fundamental de Hahnemann, talhada com extrema diligência e rigor filosófico-científico no mármore bruto do Conhecimento Humano. No seguir com diligência e rigor, isento de preconceitos, os enunciados do Organon, pode-se reconhecer a verdade empírica do saber ali inscrito como uma expressão da mais bela “tekhne atrike”.

Em carta expressiva ao seu discípulo Dr. Stapf, datada de 19/12/1815, Hahnemann cita o versículo de João em epígrafe, onde ressalta que para que algum médico compreenda e aplique integralmente a Homeopatia é necessário que nasça de novo, após ter morto dentro de si o preconceito, a intolerância e a vaidade, “o amontoado de conhecimentos superficiais” que caracteriza a postura clássica, principalmente em terapêutica, o que lhe permitiria “Compreender a dignidade da verdade simples, modesta”. Muitos consideram no entanto, que ao se tornar homeopata deve-se esquecer a Medicina. Ledo engano! Como Hahnemann que era o profundo conhecedor de toda a química e farmácia de sua época, competente no domínio da propedêutica e patologia geral, tanto quanto das técnicas cirúrgicas, sem se falar de sua proverbial sabedoria em higiene geral e profilaxia, assim deve ser o homeopata de todos os tempos: um médico atualizado com seu tempo, competente, que sabe medicar com simplicidade e eficiência, e orientar com sabedoria desde a utilização de exames subsidiários, métodos profiláticos e cirúrgicos quando o caso exigir, como saudáveis hábitos de vida e alimentação, em suma, um amante da vida e um preservador e mantenedor da saúde.

Para alcançar esse mister, que é dos maiores que um ser humano pode querer envergar, é necessário ao homeopata um conhecimento





meticuloso do Organon da Arte de Curar, pois que nada do que necessita a médico competente escapou ao seu autor. E somente reproduzindo-se fielmente suas orientações é que podemos dar fé de sua verossimilitude. Por isso o GEHSP “Benoit Mure” realiza mais este esforço em revisar novamente, com extrema minúcia e critério a tradução para o português, comparando-a com o original alemão, endereçado a todo aquele que queira compreender como executar a mais bela Arte de Curar, e dedicada aos nossos mestres mais próximos, David Castro e George W. Galvão Nogueira, que em sua ausência física, só podem ser acusados de extremado amor à homeopatia e à Humanidade Sofredora.

Numa notícia sem data, em Paris, Hahnemann incansável escreve que “se eu pudesse falar num local onde os conselhos pudessem ser ouvidos com proveitos, eu me elevaria contra a negligência de meus colegas, que desconhecem as leis primordiais do Organon, exagerando as doses e, sobretudo, não dando, à trituração tão importante dos medicamentos, os cuidados que indiquei... Nenhum remédio é indiferente, nenhum medicamento é inofensivo; quando o diagnóstico mal observado o faz dar fora de propósito, ele envolve os germes da moléstia que era chamado a combater”.

Quando a Arte de Curar, no seu contexto humanista e social, queremos fazer coro às palavras finais da carta citada à Stapf:

“Nossa Arte, para se realizar, não pede apoios políticos, títulos e adorno. Em meio a ervas daninhas crescendo por todos os lados à sua volta, ela cresce lentamente, desapercibida: a semente se faz árvore. O modesto topo da árvore crescente já se eleva acima dos espinhos; as raízes se aprofundam na terra e se fortificam por progressos insensíveis, mas seguros. Com o tempo, ela torna-se-á a árvore sagrada, o carvalho em meio a tempestade; a humanidade, que até então sofreu tantos males e dores, descansará sob sua sombra benfeitora.”

São Paulo, outubro de 2001

Grupo de Estudos Homeopáticos de São Paulo
“Benoit Mure”





Nota explicativa à segunda edição brasileira - 1995 -

O Grupo de Estudos Homeopáticos de São Paulo “Benoit Mure” vem desde 1991 trabalhando na nova edição do ORGANON DA ARTE DE CURAR de *Hahnemann* que agora traz a público. Esta nova edição foi preparada pelo trabalho sistemático e detalhista de revisão da tradução anterior, que foi fruto do pioneirismo de *David Castro* na então Editorial Homeopática Brasileira, com a colaboração de Rezende Filho e Kamil Curi, o primeiro o grande guerreiro da Homeopatia brasileira e os dois últimos avis raros do unicismo e da repertorização na Homeopatia de então, 1962.

Esta revisão da tradução inicial se fez pela releitura detalhada do original alemão em constante comparação com a tradução da 1ª edição chilena de *Hochstetter*. Procurou-se estar o mais possível próximo da redação de *Hahnemann* mesmo quando isso poderia levar a dificuldades de entendimento do texto, certos de que seria preferível ao risco de interpretações pessoais dos tradutores. Nas dúvidas fez-se a comparação com a tradução tradicional e histórica para o inglês de R. E. Dudgeon. A edição alemã usada é a 3ª reimpressão, de 1962, da 6ª edição alemã de 1921, ano em que foi dada a público esta última e póstuma edição do *Organon* preparada por *Hahnemann*.

O trabalho de leitura do alemão foi colaboração da professora de alemão Célia de Vasconcelos Koermandy que já havia participado da tradução do alemão das Doenças Crônicas de *Hahnemann* num trabalho que recebe hoje a plena aceitação da comunidade homeopática brasileira e que completou 10 anos da sua 1ª edição. Pela primeira vez em uma edição, desde a 1ª de 1921, realizou-se a tradução das citações em grego e latim encontrados nesta obra, graças à colaboração dos Professores da Universidade de São Paulo Henrique Graciano Murachco e José Rodrigues Seabra Filho, respectivamente.

Em São Paulo, aos 240 anos de nascimento de *Hahnemann*
Grupo de Estudos Homeopáticos de São Paulo
“Benoit Mure”





Nota explicativa à segunda reimpressão

O Grupo de Estudos Homeopáticos “BENOIT MURE” de São Paulo, entendeu em republicar o Organon de Hahnemann pela necessidade que vem em manter o seu conteúdo do conhecimento dos homeopatas brasileiros, dada sua incontestável importância doutrinária à formação daqueles.

Procurando aproximar-se ao conteúdo original do Organon, incluiu-se novamente a Introdução de Hahnemann que havia sido excluída da tradução brasileira e como prefácios somente os próprios escritos de Hahnemann. Ao final do corpo do Organon (aforismos), incluiu-se um índice analítico, conforme o fez Hahnemann às suas primeiras edições.

São Paulo, Brasil, maio de 1984

Grupo de Estudos Homeopáticos de São Paulo
“Benoit Mure”





Nota explicativa à primeira reimpressão brasileira

O Grupo de Estudos Homeopáticos “BENOIT MURE” de São Paulo, resolveu empreender a revisão da tradução para o português do “ORGANON” de Hahnemann e republicá-lo, tendo em vista a sua grande importância à formação dos homeopatas brasileiros.

A tradução revista e corrigida foi da segunda feita em português, por Eric Grün, tradutor juramentado, indicado na época pelo Sindicato dos Médicos do Rio de Janeiro.

As correções a essa publicação se basearam em trabalho do Prof. Dr. David Castro. No entanto, nem todas as correções por ele apontadas foram feitas, para o barateamento da publicação, que de outra forma teria de ser totalmente refeita.

Na confrontação da tradução, fez-se uso da publicação recente do Dr. K. Hochstetter para o espanhol.

Grupo “BENOIT MURE”- 1980





Resumo biográfico de Samuel Hahnemann

Cristian Friedrich Samuel Hahnemann nasceu na cidade de Meissen, Alemanha, no dia 10 de abril de 1755, sendo o terceiro dos quatro filhos de Cristiano Godofredo e Joana Cristiana Hahnemann.

A 10 de agosto de 1779, Hahnemann defendeu sua tese de doutoramento na Universidade de Erlangen, recebendo o grau de Doutor em medicina. Exerceu a profissão até 1787, quando então a abandonou, apesar de ter conseguido vasta clientela e relativa prosperidade, por não se ter conformado com a imprecisão da medicina de seu tempo, e desde então não mais quis exercer uma arte onde tudo era empírico: preferiu desprezar todas as honras e todos os proventos materiais a exercer uma arte que não satisfazia a seu espírito.

Abandonando a clínica, passou a colher os meios de subsistência traduzindo obras científicas. Foi traduzindo a *Matéria Médica* de Cullen, em 1790, que iniciou a marcha para o sistema médico que viria a ser conhecido mais tarde como Homeopatia.

Em 1796, publicou seu primeiro trabalho sobre a nova doutrina: “Ensaio para descobrir as virtudes curativas das substâncias medicinais, seguido de alguns comentários sobre os princípios admitidos até nossos dias”, onde relata as experiências realizadas pela primeira vez na história da medicina, com medicamentos no homem são, com fins terapêuticos.

Em 1805, publica “*Esculápio na balança*”, em 1806 “*Medicina da experiência*” e “*Fragmenta de viribus medicamentorum positivis sive in sano corpore humano observatis*”.

Em 1810, publica, enfim, sua principal obra: “*Organon da Medicina Racional*”, mais tarde “*Organon da Arte de Curar*”, da qual preparou 6 edições. A seguir, iniciou a publicação da “*Matéria Médica Pura*” e, finalmente, o “*Tratado das Doenças Crônicas*”.

No ano de 1835, casa-se pela segunda vez, aos 80 anos de idade, e alguns meses depois deixa a Alemanha e passa a residir em Paris, onde obteve autorização para exercer a medicina.

Hahnemann, apesar de sua idade avançada, continuou trabalhando, infatigavelmente, esclarecendo sua doutrina a seus discípulos e a todos os que desejavam conhecê-la.

Faleceu aos 88 anos de idade, no dia 2 de julho de 1843, estando seus restos mortais, atualmente, no cemitério Père Lachaise, em Paris.





Preâmbulos à 1ª edição brasileira

(1962)

Prof. David Castro

Organon da Arte de Curar é o título da obra fundamental da doutrina homeopática, escrita por Samuel Hahnemann, seu criador. Aparecida em primeira edição em 1810, está com 152 anos de existência, o que, por si só, é uma demonstração eloquente de sua importância e transcendência porque poucas obras científicas existem que com idade tal conservam tal posição de prestígio.

Depois da primeira edição, surgida em 1810 com o nome de *Organon da Medicina Racional*, Hahnemann preparou mais cinco, cada uma delas revista e melhorada de acordo com os ensinamentos que ia colhendo na prática do método que apresentara.

A primeira, com o nome de “*Organon der Rationellen Heilkunde*”, compunha-se de duas partes: uma introdução, levava o título de “Exemplos de curas homeopáticas involuntárias realizadas pelos médicos da Escola antiga, desde Hipócrates até Sydenham”; a outra era constituída pelo *Organon*, propriamente dito.

A segunda edição, editada em 1819, trazia o título definitivo de “*Organon der Heilkunst*” ou *Organon da Arte de Curar*. Nessas condições, apareceram a terceira edição em 1824, a quarta em 1829, e a quinta em 1833, que plasmou o pensamento homeopático por quase um século. A sexta e última edição é póstuma, de vez que, embora revista inteiramente por Hahnemann, este veio a falecer (1843) antes de terminar os entendimentos com os editores e, por motivos diversos, só foi publicada em 1921, pelo esforço do Dr. Richard Hael e o interesse do Dr. William Boericke.

Dentre as traduções do *Organon*, desejamos destacar as seguintes: a inglesa, da 1ª edição, volume 663 da *Everyman's Library*, por Wheeler; da 5ª edição: a francesa por J. L. Jourdan, as inglesas de Wesselhoeft e Dudgeon, editadas por Boericke & Tafel, esta última, uma das melhores, nada há que se lhe compare em fidelidade e clareza, além de interessantes notas informativas, apresenta os prefácios de cada uma das edições anteriores e uma comparação de todas as edições, parágrafo por parágrafo; as traduções espanholas (Espanha)





SAMUEL HAHNEMANN

do Dr. Valero e (México) dos Drs. Segura e Pesado (com perguntas antecedendo aos parágrafos) e de Higinio Perez e a tradução portuguesa do Dr. Vicente Martins, cujo prefácio se transcreve adiante.

Da sexta edição temos a tradução do Dr. William Boericke, em inglês, a francesa do Dr. Pierre Schmidt, na qual ressaltamos o volumoso índice analítico (1952), a do Dr. Riccamboni, italiana, e a do Dr. Rafael Romero, em espanhol (1942) publicada no México. Devem existir muitas outras traduções, por outros autores, na Índia, por exemplo.

Nesta tradução brasileira omitimos a introdução do Organon como, aliás, fizeram vários tradutores.

Eliminamos, também, todas as referências bibliográficas constantes de notas dos parágrafos, levando em consideração a quase impossibilidade de acesso às obras mencionadas.

Todas essas edições originais apareceram em alemão, mas o Organon já foi traduzido para quase todos os idiomas vivos, inclusive para o português, em tradução feita pelo Dr. João Vicente Martins, discípulo de Bento Mure, - o introdutor da Homeopatia em nosso país, - no ano de 1847, edição hoje de inestimável valor, por quase impossível de ser obtida.

Esta é apenas a história bibliográfica desse extraordinário livro, que em 152 anos não envelheceu um só dia. Mas ao lado dela há a história das ideias que lança, da doutrina que prega e dos ensinamentos que transmite.

Muitos anos antes do aparecimento do Organon, Hahnemann já era homeopata. Com efeito, foi em 1796, isto é, 14 anos antes da primeira edição do Organon, que Hahnemann tornou público os estudos que o levaram aos princípios básicos de sua doutrina biológica, patológica e terapêutica. Assim, o Organon, ao aparecer publicamente, não era uma hipótese lançada à discussão ou uma simples especulação terapêutica. Era, ao contrário, uma obra positiva, segura, corajosa, fruto de longos anos de amadurecimento no trabalho, na demonstração, na pesquisa, na experiência de cada dia.

As modificações introduzidas nas edições sucessivas se bem não afetassem a ideologia básica da obra, foram sempre feitas em virtude de novos ensinamentos e conhecimentos adquiridos na prática, resultando afinal em uma obra de elevado valor científico e de tão grande





PREÂMBULO

avanço sobre as ideias e conhecimentos de sua época, que ainda hoje as pesquisas bioquímicas, fisiológicas e patológicas chegam de vez em quando a conclusões que podem ser encontradas nas mesmas páginas. E o que lhe dá maior valor é o fato de, embora sendo uma exposição da doutrina homeopática, é também um compêndio de arte de curar, um guia genial da profissão médica, que pode ser - e tem sido – útil aos melhores médicos, homeopatas ou não.

Análise do Organon

O *Organon* consiste em uma série de 294 e 291 aforismos (parágrafos) – nas 5ª e 6ª edições, respectivamente – aos quais vêm apenas numerosas notas. É uma forma eminentemente sugestiva; se bem que alguns parágrafos sejam algo redundantes, cada um é completo em si mesmo, mas não independente, pois se acham ligados por uma estrutura definida que está belamente delineada nos §§ 3 e 4, que são ao mesmo tempo uma síntese dos pontos fundamentais da cultura médica. É o seguinte o esboço do *Organon*:

- Introdução
- Generalidades: objetivo da medicina e plano do livro (§ 1 a 4)
- Primeira parte: *Teórica* – Do parágrafo 5 ao 70
 - a) *Seção filosófica* (§ 5 a 24)
 - 1 – Conhecimento da moléstia § 5 a 18
 - 2 – Conhecimento do medicamento § 19 a 21
 - 3 – Princípios terapêuticos § 22 a 24
 - b) *Seção científica* (§ 25 a 69)
 - 1 – A lei dos semelhantes § 25
 - 2 – Sua explicação e defesa § 26 a 69
 - c) Resumo da Parte Teórica (§ 70)
- Segunda Parte: *Prática*
 - 1) Plano desta parte § 71
 - 2) Classificação das moléstias § 72 a 82
 - 3) Exame dos doentes § 83 a 104
 - 4) Técnica da experimentação medicamentosa § 105 a 145
 - 5) Seleção do medicamento: § 146 a 244
 - a) generalidades § 146 a 154





SAMUEL HAHNEMANN

- b) agravação homeopática § 155 a 161
- c) remédios fragmentários § 162 a 170
- d) remédios complementares § 171
- e) doenças oligossintomáticas § 172 a 179
- f) sintomas acessórios § 180 a 184
- g) afecções locais § 185 a 201
- h) supressão § 202 a 203
- i) moléstias crônicas § 204 a 209
- j) doenças psíquicas e mentais § 210 a 230
- l) doenças periódicas §231 a 234
- m) febres intermitentes § 235 a 244
- n) dose, repetição, regime, farmacotécnica etc. § 245 até 291

A tradução foi revisada pelos professores Tullio de Saboia Chaves – Catedrático de Clínica Médica da Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro – e Kamil Curi, - Docente Livre de Matéria Médica Homeopática da mesma Escola.

A tradução dos prefácios das edições (Dudgeon) do *Organon* e da introdução do Dr. Boericke e Krauss, foi feita pelo Dr. Artur de Almeida Rezende Filho, homeopata em São Paulo.





Prefácio da primeira edição

De acordo com o testemunho de todos os tempos, não há mister mais unanimemente considerado uma arte conjectural do que a medicina. Consequentemente, nenhum domínio tem menos direito do que ela de recusar inquérito que investigue se está bem fundamentada, tanto mais que dela depende a saúde do homem – seu mais precioso tesouro na terra.

Considero resultar em honra para mim ser o único que a submeteu, nestes últimos tempos, a uma investigação honesta e criteriosa e comunicou suas convicções em escritos publicados, ora com ora sem o meu nome.

Nessa investigação encontrei o caminho da verdade, mas tive de palmilhá-lo sozinho, muito longe da estrada comum da rotina médica. Quanto mais avançava, de verdade em verdade, tanto mais se afastavam minhas conclusões do velho edifício, que, construído com opiniões, somente de opiniões se mantinha.

Os resultados de minhas convicções estão expostos neste livro.

Resta ver se os médicos, que pretendem agir honestamente para com a sua consciência e o seu semelhante, vão apegar-se à teia perniciososa de conjecturas e caprichos ou abrirão os olhos à verdade salutar.

Devo advertir o leitor de que indolência, apego ao conforto e obstinação excluem do altar da verdade serviço eficiente e somente isenção de preconceitos e zelo incansável qualificam para o mais sagrado de todos os misteres humanos – a prática do verdadeiro sistema médico. O médico que nesse espírito inicia seu trabalho assimila-se diretamente ao divino Criador, cuja criatura humana ajuda a preservar e cuja aprovação o torna três vezes bendito.

Samuel Hahnemann

1810





Prefácio da segunda edição

Os médicos são meus irmãos – nada tenho pessoalmente contra eles – e a arte médica é o meu objetivo.

Cabe-me indagar se a medicina, como até aqui ensinada, procedeu das ideias, ilusões e fantasias de seus professores ou derivou da natureza.

Se meramente o produto de sutilezas especulativas, máximas arbitrárias, práticas tradicionais e deduções caprichosas, ela é e permanece uma *nulidade*, conte embora milhares de anos e ostente condecorações de todos os reis e imperadores da terra.

A verdadeira arte de curar é, por natureza, pura ciência experimental. Pode e deve repousar em fatos claros e fenômenos perceptíveis, pertencentes à sua esfera de ação, pois todos os elementos de que trata são clara e satisfatoriamente cognoscíveis pelos sentidos, através da experiência. O conhecimento da doença a tratar, o conhecimento dos efeitos dos medicamentos, como empregar esses efeitos, verificados, das drogas, na remoção das doenças – tudo isso só a experiência adequadamente ensina. Seus elementos só podem derivar de experiências e observações puras. Ela não ousa dar um simples passo fora da esfera de experiências e experimentos puros e bem observados, evitando tornar-se uma nulidade, uma farsa.

Mas, que toda a arte médica como até aqui praticada nestes 2500 anos, embora o tenha sido, por falta de coisa melhor, por milhões de médicos, muitos dos quais de mentalidade séria e elevada, é ainda, sob todos os respeitos, coisa extremamente estúpida, inútil e completamente *nula*, prova-se pelas seguintes considerações, poucas e indiscutíveis.

A razão, sem ajuda, nada pode saber por si (*a priori*); não pode, *só por si*, estabelecer conceito sobre a natureza das coisas, sobre causa e efeito; *toda e qualquer* de suas conclusões deve *sempre* basear-se em evidências palpáveis, em fatos e experiências, se quiser extrair a verdade. Se, na sua operação, desviar-se, *um único passo*, da orientação do





PREFÁCIO DA SEGUNDA EDIÇÃO

perceptível, ela perder-se-á na região ilimitada da fantasia e da especulação arbitrária – mãe de ilusões perniciosas e de absoluta nulidade.

Nas *ciências puramente experimentais*, na física, química e medicina, a razão meramente especulativa não pode, por conseguinte, ser ouvida. Lá *onde aja por si*, degenera em fantasias e especulações vazias e produz somente hipóteses arriscadas que, milhares de vezes, são e por sua própria natureza devem ser ilusões e falsidades.

Tal tem sido até aqui a esplêndida prestidigitação da chamada medicina teórica, em que concepções *a priori* e sutilezas especulativas criaram uma porção de escolas orgulhosas, que apenas mostram o que cada fundador sonhou sobre coisas que não podem ser conhecidas e são inúteis no tratamento das doenças.

Desses sublimes sistemas, pairando bem acima de toda a experiência, a prática médica nada obteve de aproveitável, como tratamento efetivo. Assim, prosseguiu confiantemente o seu curso à cabeceira dos doentes, de acordo com as prescrições tradicionais dos livros que dizem como os médicos têm até aqui tratado e de conformidade com os métodos de suas autoridades práticas, indiferente aos ensinamentos da experiência guiada pela natureza, indiferente às verdadeiras razões do tratamento e perfeitamente satisfeita com a chave de uma prática fácil – o livro de receitas.

Um exame sadio, consciencioso e sem preconceitos desse assunto confuso mostra claramente que aquilo que até aqui existiu com o nome de “arte médica” era mera invenção pseudo-científica, remodelada de tempos em tempos para ajustar-se à moda que prevalece em sistemas médicos, como o chapéu de Gellert na fábula e, no que diz respeito ao tratamento da doença, o mesmo método, cego e pernicioso.

Uma arte de curar, conforme à natureza e à experiência, não existia. Tudo na medicina tradicional era resultado de arte e imaginação, sem fundamentação na experiência, apenas adornada com os atavios da probabilidade.





O objeto do tratamento (a doença) era fabricado e posto em ordem pela patologia. Disponha-se arbitrariamente sobre quais doenças deveriam existir, sobre quantas e quais de suas formas e variedades. Ora vejam! A série inteira de doenças, produzidas em inumeráveis e *sempre imprevisíveis variedades* pela Natureza infinita, em seres humanos expostos a milhares de condições diferentes, o patologista impiedosamente reduz a mero punhado de moldes retalhados e ressequidos!

Os sabichões definem doenças *a priori* e atribuem-lhes substratos transcendentais não justificados pela experiência. Poderá jamais a experiência, pura e límpida, sancionar sonhos tão fantásticos? Não! Eles afetaram uma penetração no íntimo das coisas, nos processos vitais invisíveis, que nenhum mortal pode possuir.

Então, para determinar algo positivo quanto aos instrumentos de cura, *supunham-se* os poderes dos diferentes medicamentos da matéria médica pelas suas propriedades físicas, químicas ou outras qualidades desconexas, pelo cheiro, gosto, aspecto exterior – e, principalmente, por experiências impuras à cabeceira dos enfermos, onde se prescreviam somente misturas medicamentosas, no tumulto mórbidos, para casos de doença imperfeitamente descritos.

Vejam só! O poder dinâmico e espiritual de alterar a saúde do homem, poder recôndito no íntimo invisível dos medicamentos e nunca *manifesto pura e verdadeiramente* senão pelos seus efeitos no homem são, foi-lhes atribuído arbitrariamente, *sem interrogar os próprios medicamentos por esse único meio admissível de experimento puro* e sem esperar pelas respostas, quando assim questionados!

Aí então, a terapêutica ensinava como aplicar esses medicamentos, de propriedades conjecturadas, atribuídas ou imaginadas, à suposta causa fundamental da doença ou a simples sintomas, de conformidade com a regra *contraria contrariis* do forjador de hipóteses Galeno e em direta oposição à natureza. Considerava-se essa doutrina mais do





PREFÁCIO DA SEGUNDA EDIÇÃO

que suficientemente estabelecida, se em seu abono se pudessem citar *eminentes* autoridades.

Todas essas doutrinas artificiais, depois de ligadas entre si por toda a sorte de deduções falsas e ilógicas, eram então fundidas em moldes escolásticos pela nobre arte que se devota à divisão, subdivisão e tabelamento e ... pronto! O artigo fabricado, a *arte médica*, está pronto para uso – a coisa mais oposta à natureza e à experiência que é possível conceber, uma estrutura edificada inteiramente com as opiniões, de espécies várias, de milhares de mentalidades, diferentemente constituídas. Em todas as suas partes esse edifício é pura nulidade, lamentável ilusão, eminentemente próprio para pôr em perigo a vida humana pelos seus métodos de tratamento, contrário cegamente ao fim em vista, incessantemente ridicularizado pelos homens mais sábios de todos os tempos, oprimido pela injúria de não ser o que afirma ser e de não ser capaz de cumprir o que promete.

Por outro lado, uma reflexão sóbria e sem preconceitos convencer-nos-á facilmente de que manter visão correta sobre cada caso de doença a curar, obter conhecimento acurado do verdadeiro poder das drogas, de que, empregá-las por um plano adaptado a cada condição mórbida e administrá-las em doses apropriadas – de que, em suma, a verdadeira arte de curar – nunca poderá ser produto de raciocínios apazíveis e opiniões ilusórias, mas, os requisitos para o seu exercício, tanto os materiais como as regras, somente se descobrirão pela devida atenção à natureza por intermédio de nossos sentidos, por observações honestas e cuidadosas e por experimentos conduzidos com toda a pureza possível e de nenhuma outra maneira: que seja rejeitada toda a mescla falsificada de sentenças arbitrárias e se rebusque o único meio proporcionado ao valor, alto e precioso, da vida humana.

Resta ver se, pelo meu labor consciencioso nesse sentido, foi encontrada a verdadeira arte de curar.

Samuel Hahnemann

Leipzig, fins do ano de 1818





Prefácio da terceira edição

Nos cinco anos decorridos após a publicação da segunda edição, a verdade da arte homeopática de curar encontrou tanta aceitação por médicos, próximos e distantes, que já não poderá ser obscurecida e muito menos extinta pelas publicações injuriosas, que, entretanto, não faltam. Regozijo-me com os benefícios que ela já proporcionou e antecipo, com intenso prazer, embora eu já não esteja aqui embaixo, os dias não distantes em que uma futura geração da humanidade faça justiça a essa dádiva de um Deus clemente e se beneficie com os meios abençoados que Ele proveu para o alívio dos seus sofrimentos físicos e mentais.

Conseguiu-se grande auxílio no desenvolvimento da boa causa no estrangeiro com a boa tradução francesa, da última edição, recentemente publicada com grande sacrifício por esse filantropo genuíno e meu erudito amigo – o Barão von Brunnow. Ele enriqueceu-a com um prefácio que traz uma exposição da arte homeopática de curar e seu histórico, ao mesmo tempo que serve de introdução ao estudo da própria obra.

Nesta terceira edição, não me abstive de fazer quaisquer alterações e emendas sugeridas por conhecimentos ampliados ou tornadas necessárias por subsequente experiência.

Samuel Hahnemann
Köthen, Páscoa, 1824





Prefácio da quarta edição

Se essa natureza que se basta a si mesma nas doenças, que os médicos da escola tradicional acreditam ser a incomparável arte de curar, fosse fiel imitação do mais elevado objetivo do médico, a grande Natureza em si e por si, isto é, a voz de inefável sabedoria do grande Artífice do universo infinito, sentir-nos-íamos compelidos a sermos guiados por essa voz infalível, apesar de embaraçados para compreender por que nós médicos, pela nossa interferência artificial com medicamentos, perturbaríamos ou nocivamente agravaríamos essas operações, supostamente incomparáveis, do auto-auxílio da natureza nas doenças (*vis medicatrix*). Mas o caso está longe disso! Essa natureza, cujo auto-auxílio a escola médica tradicional alega ser a incomparável arte de curar, a única digna de imitar-se, é meramente a natureza individual do homem orgânico, não é senão a força vital, instintiva, irracional, irrefletida, sujeita às leis orgânicas do nosso corpo, que o Criador ordenou mantivesse as funções e sensações do organismo em condições maravilhosamente perfeitas, desde que o homem continue em boa saúde, mas não foi destinada nem adaptada para boa restauração da saúde, uma vez perturbada ou perdida. Pois, tenha nossa força vital sua integridade prejudicada por influências nocivas de fora, esforça-se ela, instintiva e automaticamente, por libertar-se desse transtorno adventício (doença) por processos revolucionários. Esses mesmos esforços são, eles próprios, doença, uma segunda e diferente doença, que se substitui à original.

A força vital produz, repito, de acordo com as leis da constituição do organismo a que está sujeita, uma doença de espécie diferente, destinada a expelir a doença atacante, esforçando-se para consegui-lo pela dor, por metástases e assim por diante, mas principalmente por





SAMUEL HAHNEMANN

evacuações e sacrifício de boa parte dos constituintes fluidos e sólidos do corpo, com resultados difíceis, nocivos, muitas vezes dúbios e frequentemente mesmo desastrosos.

Não estivessem os homens de todos os tempos cientes dessa imperfeição, dessa não rara insuficiência dos esforços cegos da força vital, instintiva e irrefletida, nas tentativas de auto-auxílio nas doenças, não ansiariam tanto, não se empenhariam tão zelosamente em ajudar a força vital sofredora, tão impotente para ajudar-se eficientemente, pelo emprego de melhores recursos medicamentosos, com o fim de terminar o processo mórbido de maneira mais expedita e segura, restaurando assim a desejada saúde tão rapidamente quanto possível – em outras palavras, não teriam envidado esforços para descobrir uma arte de curar.

Mas como o que tem sido até aqui chamado “arte de curar” é mera (imperfeita) imitação dos esforços e operações, infelizes, inúteis e não raramente nocivos da instintiva e irrefletida força vital (erradamente chamada natureza), quando abandonada a si mesma na doença, ser-me-á concedido, penso, que antes de mim não tinha sido descoberta a verdadeira arte de curar.

Mas que a Homeopatia é essa arte de curar, até agora procurada em vão, seus princípios fundamentais o ensinam, provam-no suas realizações.

Samuel Hahnemann
Köthen, janeiro, 1829





Prefácio da quinta edição

Nota do tradutor – Sendo a sexta edição do Organon um exemplar da quinta edição, com entrefolhas do próprio punho de Hahnemann, nota-se que, quanto aos dois prefácios consecutivos, o Mestre pouco modificou. Cotejando cuidadosamente os prefácios da quinta e da sexta edições e não levando em conta alterações mínimas, só de estilo e redação, pareceu-nos de interesse a tradução só da parte final. Nessa parte final, verificam-se duas diferenças de certa monta: 1) em certo trecho que, em si, apresenta pequenas modificações na forma, sem mudança no sentido, há uma chamada, com o respectivo rodapé, que só aparece na quinta edição; 2) o trecho a seguir, mais longo, bem no fim, também não foi incluído na sexta edição.

Daremos aqui esses dois trechos, com a chamada intercalada entre eles, em tipos menores, orientação que será adotada, para maior facilidade de leitura, em toda a obra.

Assim, a Homeopatia é um sistema médico perfeitamente simples, sempre fixo nos princípios e na prática. Esta última, se corretamente apreendida, será exclusiva (e só assim útil), como a doutrina em que se baseia. Assim como a doutrina deve aceitar-se na sua pureza, assim também deve ser praticada puramente: todo o extravio (*), de volta à perniciosa rotina da velha escola (tão oposta a ela como o dia e a noite) é totalmente inadmissível, do contrário deixa de merecer o honroso nome de Homeopatia.

Que alguns médicos desorientados, que gostariam de considerar-se homeopatas, enxertem algumas imperícias alopáticas, mais familiares a eles, no seu tratamento homeopático nominal, é isso devido à ignorância da doutrina, preguiça, desrespeito à humanidade sofredora e ridícula presunção. Além de demonstrar imperdoável negligência na pesquisa do *melhor* específico homeopático, tem isso origem muitas vezes numa baixa paixão pelo ganho e outros motivos sórdidos. – E





SAMUEL HAHNEMANN

os resultados? – Não curam doenças sérias e importantes (e a Homeopatia pura e cuidadosa o faz) e enviam os doentes àquele lugar de onde ninguém volta, enquanto os amigos consolam-se com a reflexão de que tudo (inclusive todo o nocivo processo alopático!) foi feito para o falecido.

Samuel Hahnemann

Köthen, 28 de março de 1833

(*) Lamento portanto o conselho, de sabor alopata, que dei outrora, sobre a aplicação nas costas, em doenças psóricas, de um emplastro resinoso para provocar prurido e sobre o emprego de levíssimas faíscas elétricas, em afecções paralíticas. Pois, como ambas essas aplicações foram raramente proveitosas e serviram de pretexto aos homeopatas híbridos para as suas transgressões alopáticas, eu, arrependendo-me de tê-las proposto e *por estas palavras solenemente me desdigo*, tanto mais que, desde essa época o nosso sistema homeopático aproximou-se tanto da perfeição que elas atualmente já não são necessárias.





**Prefácio da tradução portuguesa do “Organon”, 5ª edição,
pelo cirurgião português João Vicente Martins,
publicada em 1846, em Niterói, Tipografia
Niteroiense, dedicada ao Sr. Sylvestre Pinheiro Ferreira.**

* * *

*Depois de procelosa tempestade,
Noturna sombra, e sibilante vento,
Traz a manhã serena claridade,
Esperança de porto e salvamento.*

* * *

Assim, depois de mil erros, depois de milhões de desastres, que em luto hão sepultado a humanidade, e em trevas submergido toda a ciência vaidosa do homem, uma aurora divina radia por sobre as urnas sepulcrais, como a da ressurreição.

Sem nenhuma regra ou lei se ingeriam nos estômagos enfermos as mais repugnantes drogas; e o estudo da matéria médica, consistindo quase no das propriedades físicas dessas drogas, parecia dirigir-se a saber quais por mais desagradáveis deveriam ser preferidas. A pele dos míseros doentes era arrancada, era desnudada ou consumida pelos exutórios, pelos cáusticos e pelo ferro. O ferro em brasa percorria os membros, queimados muitas vezes até os ossos, e neles deixava indeléveis marcas da bárbara rotina. A mais ligeira alteração da saúde tornava-se mortal sob a influência da medicina; e mais devastadora que a peste e a guerra a medicina atulhava os cemitérios, e inutilizava os berços.

Era um castigo do céu.

A cólera divina se aplacou, e a pomba trouxe para a arca santa o símbolo da paz.





SAMUEL HAHNEMANN

Hahnemann descobriu a Homeopatia; e viram todos os que tinham olhos, que se alguma vez alguém pôde curar enfermidades foi só quando, sem o saber, seguido teve a lei de similitude sintomática.

Hahnemann metodizou sua descoberta e num compêndio a expôs. Esse compêndio é o Organon.

A Itália, a França, a Inglaterra, a Espanha, e os Estados Unidos possuem já traduções dessa imortal obra, escrita em alemão: vergonha era o Brasil, e Portugal privados ainda estivessem desse rico tesouro, tão fecundo, que por toda a terra tem de espalhar em breve, e com prodigalidade, seus cabedais imensos.

Feliz eu, porque esta fonte de verdadeira riqueza aos meus franqueios; pouco apreço dar-me é dado a tão pequenos sacrifícios, que hei feito.

Quaisquer que as imperfeições sejam da tradução que ofereço, elas terão desculpa na multiplicidade de trabalhos em que me hei visto empenhado, para o fim sempre de por ao alcance e proveito de todos a Homeopatia; quaisquer que sejam, compensadas ficam pela utilidade de um livro, em nossa língua, que ensine cabalmente o que a Homeopatia seja, e como há de exercer-se.

Não me fadigo por tanto a pedir desculpas; mas, para indenização dos por demais exigentes, prometo nova edição, o mais breve que se possa e a mais correta; e desistindo de todo o direito que a lei me concede, e que tacitamente se respeita entre todas as nações, consinto em que esta, ou por aquela outra melhor tradução, seja publicada simplesmente com a condição de ser vendida por não mais de dois terços do preço por que a dou. Tenho em mira unicamente fazer de todos conhecida a Homeopatia, e de bom grado sacrificio a meu desejo todo o trabalho e despesa que hei tido.





PREFÁCIO DA TRADUÇÃO PORTUGUESA

Seja bem conhecida a Homeopatia, seja exercida tão pura quanto ela o é, por ser ela um dom do céu: convençam-se os médicos e os enfermos de que ela só e unicamente e capaz de resgatar a humanidade destas tão asquerosas moléstias, que os vícios, o desleixo, e a medicina multiplicado tem: e gritem, grasnem, grunham contra mim zoilos e pedantes, fica-me sempre tranquila a minha consciência, que me exalta aos olhos do verdadeiro amigo do homem.

Desde que abri meus olhos à luz desta verdade eterna, que abracei, que defendo, e que ensinando vou, tenho elevado contra mim ódios que me assoberbam, calúnias que me exaltam; e, aguardo perseguições que longe estão de abater-me, porque os mártires extasiavam, e que sobre os apóstolos desceu.

Circunstâncias fortuitas decidiram que fosse o Brasil o primeiro terreno a que confiasse estas sementes fecundas, que parecem ter sido colhidas da frondosa árvore do Gólgota.

Homem de todo o mundo, se for útil ao Brasil e a Portugal, nações irmãs, pouco me importa haver começado aqui ou na terra do meu nascimento esta obra que tenho por digna e humanitária:

E desta glória só fico contente

Que estas amei, não minhas, terra e gente.

J. V. Martins





Prefácio do Dr. William Boericke à sexta edição do Organon

A sexta edição do “Organon” como Hahnemann a deixou, pronta para o prelo, foi encontrada como um exemplar entrefoliado da quinta edição, a última alemã, publicada em 1833. Com 86 anos, praticando ativamente em Paris, ele revisou-a completa e cuidadosamente, de parágrafo em parágrafo, fazendo mudanças, rasuras, anotações e adições.

O próprio Hahnemann participou a vários amigos o preparo de outra edição da sua grande obra, como se evidencia, entre outras cartas, pela que enviou a Boenninghausen, discípulo que muito o apreciava e amigo íntimo. Escrevendo-lhe de Paris, Hahnemann refere: “Estou trabalhando na sexta edição do *Organon*, à qual dedico várias horas dos domingos e quintas-feiras, reservando o resto do tempo para o tratamento de doentes que vêm às consultas”. Ao seu editor, Sr. Schaub, em Dusseldorf, ele escreveu de Paris, em carta datada de 20 de fevereiro de 1842: “Após dezoito meses de trabalho, concluí a sexta edição do meu *Organon*, de todas a mais próxima da perfeição”. Expressa depois o desejo de vê-la impressa no melhor estilo possível, no que diz respeito ao papel, tipos perfeitamente novos, em suma desejava que a aparência fosse excepcionalmente boa, pois seria provavelmente a última. Esse desejo do venerável autor foi perfeitamente executado pelos atuais editores.

Traduzi cuidadosamente todas essas anotações, mudanças e adições do exemplar original, em meu poder. Hahnemann fê-las com sua própria letra, admiravelmente pequena e clara, perfeitamente preservada durante todos esses anos e tão legível hoje como quando foi escrita. Nas extensas partes em que não fez modificação alguma, incluindo





PREFÁCIO DO DR. WILLIAM BOERICKE À 6ª EDIÇÃO

a longa Introdução, adotei a bela tradução do Dr. Dudgeon da quinta edição, caracterizada por inglês perfeito e adesão, notável e fiel, ao estilo e composição de Hahnemann.

Algumas das mais importantes modificações dessa edição final vêm a seguir:

Na longa nota do parágrafo 11, Hahnemann considera a importante questão: Que é influência dinâmica? Dinamismo. Nos parágrafos 22 e 29 encontrar-se-á sua última concepção sobre o princípio vital, termo que se usa no livro todo, de preferência a força vital usado nas edições anteriores.

Os parágrafos 52 a 56 foram totalmente escritos de novo. Adicionaram-se longas notas dos parágrafos 60 – 74. Também o parágrafo 148 é praticamente novo e diz respeito à origem da doença, negando a *Materia peccans*, como principal fator etiológico.

Da maior importância são os parágrafos 246 - 248, em relação à dose no tratamento das doenças crônicas. Ele afasta-se da dose única e recomenda repetição de doses, mas em dinamizações diferentes. Os parágrafos 269 - 272 são devotados a diretrizes técnicas para o preparo de medicamentos homeopáticos, especialmente de acordo com suas últimas opiniões.

A debatida questão de remédios duplos, diferentes de compostos químicos, está completa e definitivamente assente no parágrafo 273, estando removidas todas as dúvidas quanto à incorreção de tal procedimento. Completamente nova e da maior importância é a nota do parágrafo 282. Nela o tratamento das doenças crônicas – Psora, Syphilis e Sicose afasta-se absolutamente do aconselhamento em edições anteriores. Ele aconselha agora começar logo o tratamento com grandes doses dos remédios específicos, se necessário várias vezes ao





SAMUEL HAHNEMANN

dia, e subir gradualmente a dinamizações superiores. No tratamento do condiloma acuminado, consideram-se necessárias as aplicações locais, juntamente com o uso interno do remédio.

O livro, tal como se apresenta, é a última palavra de Hahnemann no que diz respeito aos princípios por ele expostos na primeira e subsequentes edições, iluminados e ampliados pela vasta experiência dos últimos anos da sua carreira médica no tratamento de doenças agudas e crônicas. Historicamente, a sexta edição é de grande interesse e importância, completando o arranjo maravilhoso da acuidade filosófica de Hahnemann na prática médica. O “Organon” de Hahnemann apresenta o mais alto nível da filosofia médica e sua interpretação prática produz verdadeira montanha de luz, que guiará o médico, pela Lei de Cura, a um novo mundo em terapêutica.

Beneficia-se esta edição com uma introdução do Dr. James Krauss, de Boston, culto e erudito estudioso de Hahnemann, a quem desejo aqui exprimir meu grato apreço por ambos, a introdução e outros valiosos auxílios.

William Boericke

São Francisco, dezembro, 1921

XXX





Prefácio da sexta edição

Para se ter uma noção geral do tratamento das doenças, administrado de acordo com a antiga medicina (alopatia), pode-se dizer que ela pressupõe, às vezes, a existência de um excesso de sangue (pletora nunca existente), às vezes, de matérias morbíficas e acrimônias; retira, portanto, o sangue necessário à vida, e se esforça por varrer a matéria morbífica imaginária, ou então, desviá-la para outra parte (por meio de vomitivos, purgativos, sialagogos, sudoríficos e diuréticos, vesicatórios, cautérios, exutórios etc.), na ilusão de que assim a doença será amainada e materialmente erradicada; aumenta, porém, destarte, os sofrimentos do doente e, por esse meio, e pelo emprego de agentes dolorosos, priva o organismo das forças e dos sucos nutritivos necessários à cura. Ataca o corpo com grandes doses, frequentemente contínuas e renovadas, de medicamentos fortes, cujos efeitos prolongados e, às vezes, assustadores lhe são desconhecidos, e os quais ela parece propositadamente tornar irreconhecível, misturando em uma só fórmula várias dessas substâncias desconhecidas. Assim, pelo uso prolongados desses medicamentos, ela acrescenta ao organismo doente, novas doenças medicinais, ainda em parte incuráveis. Empenha-se para manter-se querida junto aos doentes (*), em empregar, onde puder, meios que pela lei de oposição (*contraria contrariis*), suprimem e encobrem (paliativos), por algum tempo, os

(*) *Com o mesmo objetivo, o alopata esperto inventa, antes de tudo, um nome determinado, preferentemente grego, para designar o mal do doente, a fim de fazê-lo crer que já conhecia a doença há muito tempo, como a um velho conhecido, e que assim seria o único capaz de curá-la.*





SAMUEL HAHNEMANN

sintomas, mas que reforçam e pioram a razão dessas queixas (a própria doença). Ela considera, injustamente, os males que se localizam nas partes exteriores do corpo como sendo puramente locais isolados, independentes, e acredita tê-los curado, quando desaparecem por tópicos, de modo que o mal interno é forçado a irromper em uma parte mais nobre e mais crítica e em grau mais grave. A velha escola médica, quando não mais sabe o que fazer contra a doença que se recusa a ceder ou que vai se agravar, trata de alterá-la, às cegas, por meio de um agente chamado “*alterans*”, como por exemplo, o calomelano, sublimado corrosivo que solapa a vida, e com outros meios coadjuvantes em doses ponderáveis.

Parece ser o principal negócio funesto da velha medicina tornar pelo menos incuráveis, se não mortais, a maioria das doenças, transformando em pacientes crônicos os já debilitados pelo enfraquecimento e por tormentos contínuos, pela adição de novas afecções medicinais destrutivas(*), - e, quando essa prática perniciosa se tornar um hábito e ficarmos insensíveis às advertências da consciência, então este é de fato, *um negócio muito fácil!*

Contudo, para todas essas operações nocivas, o médico da velha escola, em geral, pode apontar as suas razões, que porém, se baseiam apenas em preconceitos de seus livros e mestres, e na autoridade deste ou daquele eminente médico da velha escola. Mesmo os métodos de tratamento mais opostos e mais insensatos encontram ali sua defesa, a sua autoridade – por mais alto que fale contra eles o efeito desastroso. Só ao velho médico que finalmente no íntimo se convenceu da perniciosidade de sua pretensa arte, depois de práticas maléficas de muitos anos e que ainda só trata com

(*) *N. T.: atualmente denominadas doenças iatrogênicas ou farmacogênicas.*





PREFÁCIO DA 6ª EDIÇÃO

xarope de morango misturado com água de tanchagem(**) (isto é, nada), que se arruinam e morrem um menor número de pacientes.

Essa arte de não curar que há muitos séculos está firmemente estabelecida no poder de decidir, arbitrariamente, sobre a vida e a morte dos doentes, e que nesse período encurtou as vidas de dez vezes mais pessoas do que as mais mortíferas guerras, e tornou muitos milhões de pacientes mais doentes e mais miseráveis do que foram anteriormente – essa alopatia eu elucidei mais detalhadamente na introdução das edições anteriores deste livro. Agora, considerarei apenas seu exato oposto, a verdadeira arte de curar descoberta por mim (agora mais perfeita)(***). Ela, (a Homeopatia) é bem diferente. Pode facilmente convencer a todos que refletem, de que as doenças humanas não são causadas por matéria alguma, nenhuma acrimônia, isto é, por matéria morbífica alguma, mas que elas são unicamente transtornos imateriais (dinâmicos) da força de caráter espiritual (o princípio vital, a força vital), que anima o corpo humano. A Homeopatia sabe que uma cura só se pode verificar pela reação da força vital contra o remédio apropriado, e que a cura se opera tanto mais segura e rapidamente quanto mais sua força vital ainda prevalece no doente. A Homeopatia evita, portanto, qualquer enfraquecimento, por menor que ele seja(****), e também, o quanto possível, toda excitação de dor, pois esta também diminui as forças; pelo que, ela emprega para a cura apenas aqueles medicamentos cujo poder de modificar e de desequilibrar (dinamicamente) a saúde, ela conhece com exatidão, e

(**) *N.T.: no original alemão Plantago-Wasser.*

(***) *Dão-se exemplos para provar que curas surpreendentes obtidas nos tempos passados sempre foram devidas a remédios basicamente homeopáticos e encontradas pelo médico por acaso e contrárias aos métodos terapêuticos então predominantes.*





SAMUEL HAHNEMANN

escolhe um cujas forças modificantes (a doença medicinal) são capazes de remover a doença natural em questão por semelhança (*similia similibus*), e esse é administrado ao paciente em forma simples, em doses fracas (tão pequenas que, sem causar dor ou enfraquecimento, são, não obstante, suficientes para remover o mal natural); daí se conclui que sem enfraquecer, prejudicar ou torturar o doente, a doença natural é extinta, e o doente, já durante a convalescença, fortalece-se e assim fica curado – algo aparentemente fácil, mas que requer meditação e que é penoso e difícil, mas que restabelece os doentes, em pouco tempo, sem inconvenientes, e de maneira completa – e assim se torna uma tarefa salutar e abençoada.

A Homeopatia é, então, uma arte de curar muito simples, ficando sempre fixa em seus princípios, bem como em sua prática. Como a doutrina na qual se baseia, ela se apresenta, se bem a compreendermos, como um todo completo, apenas por isso útil. Tal pureza na doutrina, bem como na prática, deveria ser evidente, e qualquer retorno ao pernicioso desleixo da velha escola (que difere como o dia da noite) deveria cessar completamente de vangloriar-se diante do nome honrado da **Homeopatia**.

Samuel Hahnemann

Paris, fins de fevereiro de 1842

*(****) A Homeopatia jamais derrama uma gota sequer de sangue, não administra eméticos, purgativos, laxativos ou diaforéticos, não cura mal externo por meios externos, não prescreve banhos minerais quentes ou desconhecidos ou clisteres medicamentosos, não aplica cantáridas ou cataplasmas de mostarda, nem sedenhos ou cauterios, não excita ptialismo, não queima com moxa ou ferro em brasa até os ossos etc., mas sim dá com a sua própria mão, só medicamento simples feito por ela mesma e bem conhecido, não dá misturas, e jamais acalma a dor com ópio etc.*





Introdução

Exposição dos métodos alopático e paliativo das escolas que têm dominado até agora na Velha Escola Médica.

Desde sua origem, o homem tem estado exposto, individual ou coletivamente, à influência de causas morbíficas físicas ou morais. Nos primórdios da humanidade, um pequeno número de remédios era suficiente para destruir ou modificar a ação daquelas causas e seus efeitos no homem, já que a simplicidade de seu modo de vida dava lugar ao desenvolvimento de pouquíssimas enfermidades. Os progressos da civilização foram logo aumentando as causas morbíficas e fazendo também sentir a necessidade de buscar auxílios contra elas. Desde então, isto é, desde a época de Hipócrates, há dois mil e quinhentos anos, muitos homens têm se dedicado a tratar as enfermidades, cada dia mais numerosas, buscando em sua imaginação meios para aliviá-las. Tantas cabeças diferentes produziram uma infinidade de doutrinas acerca da natureza das enfermidades e seus remédios, criando sistemas em clara contradição uns com os outros e consigo mesmos. Cada uma dessas sutis teorias surpreendia, a princípio, a todo mundo, por sua profundidade ininteligível e atraía a seu autor uma multidão de prosélitos entusiastas. Porém nenhuma utilidade poder-se-ia obter delas na prática, até que um novo sistema, na maioria das vezes totalmente oposto ao precedente, deslocava para si, captando por algum tempo, a atenção geral. No entanto, nenhum destes sistemas estava conforme a natureza e a experiência. Não passavam todos, de um tecido de sutilezas tiradas de conseqüências ilusórias. De nada podiam servir à cabeceira dos doentes e eram próprios apenas para alimentar disputas vãs.

Ao lado destas teorias, formou-se independentemente, um método de cura que consistia em empregar certas misturas de medicamentos desconhecidos contra diferentes classes de enfermidades arbitrariamente estabelecidas, sob o ponto de vista material, sempre em contradição com a natureza e por conseguinte, sem resultado vantajoso. A esta antiga terapêutica se lhe dá o nome de *Alopatia*.





Sem desconhecer os serviços que um grande número de médicos tem prestado às ciências acessórias da arte de curar, a física, a química, a história natural em seus diferentes ramos e a do homem em particular, a antropologia, a fisiologia, anatomia etc., ocupar-me-ei aqui da parte prática da medicina, apenas com o curar propriamente dito, para mostrar o quanto é imperfeita a maneira com que as enfermidades têm sido tratadas até então.

Minha finalidade é muito superior a esta rotina mecânica que joga impunemente com a vida dos homens, tomando por guia catálogos de receitas, cujo número, cada dia maior, prova plenamente sua ineficiência. Isto, deixo à plebe médica, para ocupar-me somente da medicina reinante, que imagina que sua antiguidade lhe dá realmente o caráter de ciência.

Esta antiga medicina lisonjeia-se de que só ela merece o título de “*arte de curar racional*” porque, segundo ela, a única que trata de buscar e eliminar a *causa da enfermidade e segue as pegadas da natureza em seu tratamento*.

Tolle causam!, exclama sem cessar, porém se limita a este vão clamor. *Imaginava-se* poder encontrar a causa ainda que, em realidade, não a encontrava pois é irreconhecível e por conseguinte não pode ser encontrada. De fato, como a maior parte das enfermidades é de origem espiritual e de natureza dinâmica espiritual, sua causa não é reconhecível pelos sentidos, impondo-se, portanto, imaginar uma, comparando-se de um lado, o estado normal dos órgãos internos do corpo humano depois da morte (anatomia), com as alterações apreciáveis, que estas mesmas partes apresentam nas pessoas mortas por enfermidades (anatomia patológica); e por outro lado, as funções do corpo vivo (fisiologia), com as alterações incontáveis observadas nos diferentes estados mórbidos (patologia, semiótica), e deduzindo conclusões relativas à maneira invisível com que se efetuam as mudanças no *interior do homem* enfermo, chega-se a formar uma imagem vaga e fantástica que a medicina teórica via como a causa primeira da enfermidade ⁽¹⁾, que deveria ser a causa próxima e ao mesmo tempo a essência íntima





INTRODUÇÃO

desta enfermidade, *a própria enfermidade*. Porém, o bom senso indica que nunca a causa de alguma coisa, ou de um incidente, pode ser esta mesma coisa. Sendo assim, como poderia, sem enganar-se a si mesma, fazer desta essência desconhecida um objeto de cura, prescrevendo contra ela medicamentos cuja virtude curativa, ao menos na maioria, era desconhecida também, e acumular muitas destas substâncias incomuns, no que se chama fórmulas?

No entanto o sublime projeto de encontrar *a priori*, a causa interna e invisível da enfermidade reduziu-se, ao menos para os que se julgavam sábios médicos da antiga escola, a buscar, em verdade tomando por base também os sintomas, aquilo que se poderia presumir ser o *caráter* genérico da enfermidade presente ⁽²⁾? Queria-se saber se era o espasmo, a debilidade ou a paralisia, a febre ou a inflamação, o endurecimento ou a obstrução de tal ou qual parte, a pletora sangüínea, o excesso ou a falta de oxigênio, carbono, hidrogênio ou nitrogênio nos humores, a exaltação ou a diminuição da vitalidade do sistema arterial, venoso ou capilar, um defeito das proporções relativas dos fatores da sensibilidade, da irritação ou da reprodução? Estas conjecturas, designadas pela escola até então com o nome de indicação causal e vistas como a única racionalidade possível em medicina, são suposições demasiado hipotéticas e falazes para terem a menor utilidade prática. Incapazes mesmo se tivessem base para não sê-lo, de encontrar o remédio mais apropriado para o caso de doença, agradando bastante ao amor próprio de ser um erudito imaginador, induzindo porém quase sempre ao erro e demonstrando assim que o objetivo era mais a ostentação do que a busca séria de uma indicação de cura.

Quantas vezes não ocorria de o espasmo ou a paralisia parecer se apoderar de uma parte do organismo, enquanto a inflamação apoderava-se ostensivamente de outra parte!

Quais eram os remédios que se deveriam empregar contra cada um destes opostos caracteres gerais? Somente os específicos, isto é, aqueles cujos efeitos fossem análogos à forma morbífica ⁽³⁾. Porém a escola antiga os rejeitou como muito perigosos ⁽⁴⁾, pois, efetivamente





SAMUEL HAHNEMANN

a experiência havia demonstrado que as doses altas, cujo uso o tempo havia aprovado, comprometiam a vida naquelas enfermidades, que por sua semelhança com os sintomas que o medicamento produzia, desenvolviam outra enfermidade de mesma natureza, mas das doses pequenas e das mais diminutas possíveis a velha escola não tinha noção nenhuma. Por isso diziam que não se podia nem devia curar por via direta e mais natural, ou seja, empregar remédios específicos, posto que a maior parte dos efeitos produzidos pelos medicamentos eram e permaneciam desconhecidos; pois que, ainda que assim não fosse, nunca se poderia, com semelhante costume de generalizar, chegar-se a conhecer com exatidão a substância que se deveria empregar.

Entretanto, como a antiga escola pretendia bem, que o melhor é seguir o caminho reto que extraviar-se por sendas mal conhecidas, pretendia-se, todavia, curar as enfermidades diretamente, eliminando sua (pretensa) causa material. Pois para a escola médica comum, era quase impossível libertar-se na busca para uma indicação de cura desses conceitos materiais e reconhecer a natureza física e material do organismo como um ser tão altamente potencializado, que as mudanças vitais e sensitivas de sua vida, que chamamos de doenças, podem ser principalmente ou quase exclusivamente condicionadas e conseguidas por influências dinâmicas (de natureza espiritual).

A escola antiga tinha as matérias alteradas pela enfermidade como a causadora de doenças, tanto as que causavam inchaço, como as substâncias anormais que se segregam, pelo menos por sua suposta reação como mantenedor de doença e o faz até hoje.

Fundada nesta crença, operava todos os esforços possíveis para expulsar do corpo enfermo, o que se supunha ser as causas materiais; imaginava-se assim que se produziria cura segura, agindo sobre as causas. Daí a prescrição de se fazer vomitar, com o objetivo de expelir a bÍlis nas febres biliosas; seu método de administrar vomitivos nas afecções do estômago (⁵); seu empenho em expelir a pituita e os vermes indicados pela palidez das faces, pela bulimia, pelas cólicas e inchaços do ventre nas crianças





INTRODUÇÃO

(⁶); seu costume de sangrar nas hemorragias (⁷); e principalmente a importância que dá às sangrias de toda espécie, como a principal indicação que poderia satisfazer nas inflamações (⁸); e que ela agora, seguindo o procedimento de um conhecido médico parisiense sanguinário (como os carneiros que seguem o carneiro de guia e vão parar nas mãos do carnicheiro) pretende encontrar em quase todas as partes afetadas do corpo e precisa remover com um número muitas vezes fatal de sanguessugas. Agindo dessa maneira, creem obedecer às verdadeiras indicações deduzidas da causa, e tratar as enfermidades de um modo racional. Também imaginam que ligando um pólipó, extirpando uma glândula tumefeita, ou destruindo-a pela supuração produzida por meio de irritantes locais, dissecando um quisto esteatomatoso ou melicério, operando um aneurisma, uma fistula lacrimal ou anal, amputando um seio canceroso, ou um membro, cujos ossos estejam cariados etc., curaram a enfermidade radicalmente porque destruíram a causa. Têm a mesma crença quando aplicam repercussivos e secam as úlceras antigas das pernas com os adstringentes (óxidos de chumbo, cobre e zinco), associados aos purgantes, que não diminuem o mal primitivo, e que não fazem mais que debilitar o enfermo; quando cauterizam os cancros, destroem localmente as verrugas ou expulsa da pele a sarna com os unguentos de enxofre, chumbo, zinco ou mercúrio; quando fazem, enfim, desaparecer uma oftalmia com as dissoluções de chumbo e de zinco e quando acalmam as dores repuxantes dos membros com o bálsamo de Opodeldok, as pomadas amoniacaicas ou fumigações de cinabre ou âmbar. Em todos esses casos supõem haver eliminado o mal e conseguido uma cura causal. Porém, que fatais conseqüências não se derivam desse tratamento! Mais cedo ou mais tarde aparecem infalivelmente outras enfermidades, que consideram como novas, não sendo em realidade, senão aquelas primitivas, *que têm sempre um caráter mais grave que as primeiras*, refutando francamente as teorias da escola antiga. Isto deveria abrir-lhes os olhos e convencê-los de que a enfermidade é de natureza imaterial, que sua origem é dinâmica (espiritual) e que somente pode-se destruí-la por um outro poder dinâmico.





Em geral a escola comum pressupunha até os tempos atuais (eu não me atrevo a dizer, as mais modernas!) de preferência que substâncias morbíficas (e acrimônias) deveriam ser removidas pela transpiração e suor, pelo aparelho urinário, ou pelas glândulas salivares, dos vasos sanguíneos e linfáticos, da traquéia e das glândulas bronquiais como catarro, do estômago e do canal intestinal por vômitos e evacuações, para que o corpo fosse limpo e deste modo conseguida uma cura causal profunda.

Fazendo aberturas no corpo doente, que na presença durante anos de um corpo estranho, convertem-se depois em úlceras crônicas (cautérios, sedenhos), imaginam extrair do corpo doente (sempre dinamicamente) a materia peccans, como se tira a lia de um barril, fazendo-lhe um furo no fundo. Como os vesicatórios mantidos por muito tempo, está também persuadida de atirar os maus humores para fora e livrá-lo das substâncias morbíficas, sem considerar que com todos esses procedimentos absurdos e contrários à natureza, não logra mais que debilitar os enfermos e troná-los geralmente completamente incuráveis.

Supor um princípio morbífico material é algo mais cômodo, não só porque o entendimento humano o concebe bem, mas também porque os enfermos, exigindo sempre a razão da causa e da natureza de seu mal, se dão por satisfeitos com a explicação do médico, fundada nesta hipótese. De fato, uma vez suposta esta teoria, somente dever-se-ia tratar de eleger uma quantidade medicamentosa que serviria para purificar o sangue e outros humores, excitar o suor, provocar a expectoração e limpar o estômago e intestinos. E por isso, compreende-se bem por que todas as *matérias médicas* que se têm escrito desde Dioscórides, guardam o mais absoluto silêncio a cerca de ação própria e peculiar de cada medicamento, limitando-se, depois de haver enumerado suas pretensas virtudes contra tal ou qual enfermidade nominal da patologia, ou seja, se provoca a secreção da urina ou do suor, a expectoração ou o fluxo menstrual, e sobretudo se possui a virtude de evacuar por vômitos ou por diarreias o material contido no tubo digestivo; pois em todas as épocas, os médicos têm dirigido seus esforços principalmente para expelir do corpo





INTRODUÇÃO

enfermo as acrimônias e os princípios morbíficos materiais (fingidos), considerados como a causa das enfermidades.

Porém, tudo isso não era mais que o resultado de sonhos vãos, de suposições gratuitas, de hipóteses desprovidas de fundamento, habilmente inventadas para comodidade terapêutica, que espera cumprir plenamente sua missão, quando trata de combater os princípios morbíficos materiais (*si modo essent!*).

Mas a essência das enfermidades e sua cura, não se sujeitam aos nossos caprichos nem às invenções de nossa indolência. *Por conformar-se com nossas ilusórias hipóteses, as enfermidades não podem deixar de ser desarranjos dinâmicos (espirituais) que nossa vida espiritual experimenta em sua maneira de sentir e agir; isto é, mudanças imateriais de nossa existência.*

As causas de nossas enfermidades não podem ser materiais; a prova é que qualquer substância material estranha ⁽⁹⁾ introduzida nos vasos sanguíneos, por mais inocente que pareça, instantaneamente é repelida pela força vital, e se não pode ser expelida, como se fosse veneno, ocasiona a morte. Introduza-se o menor corpo estranho em nossas partes sensíveis, e o princípio vital, sempre presente, não descansa enquanto não eliminá-lo por meio da dor, da febre, da supuração ou da gangrena. E este princípio vital, tão ativo e tão vigilante, sofreria com paciência durante vinte anos, um princípio exantemático material em nossos humores, um vírus herpético escrofuloso ou gotoso? Que nosólogo alguma vez observou estes princípios morbíficos, de que falam com tanta segurança, e sobre os quais pretendem fundar um plano de conduta médica? Quem pode algum dia demonstrar uma matéria gotosa, um veneno escrofuloso?

Ainda que a aplicação de uma substância material sobre a pele ou sua introdução em uma úlcera, haja propagado enfermidades por infecção, quem poderia provar (como tão formalmente afirmam nossas patogenias) que a menor partícula material dessa substância seja absorvida e penetre em nossos humores? ⁽¹⁰⁾ Por mais que se lavem e limpem as partes genitais com a maior prontidão e esmero possíveis,





estas precauções não preservam da infecção com a doença do cancro. É suficiente um leve sopro de uma pessoa afetada pela varíola, para produzir esta terrível doença em uma criança sã e robusta.

Que quantidade deste princípio material deve penetrar nos humores para determinar no primeiro caso, uma enfermidade (a Syphillis), que na ausência de tratamento durará talvez até os últimos dias de vida, e que nem a morte poderá apagar suas marcas; e no segundo, uma infecção (a varíola), que frequentemente mata com rapidez em meio a uma supuração quase geral ⁽¹¹⁾. É possível que nestes casos e noutras circunstâncias análogas, admitamos como fundamento, um princípio material morbífico que tenha agido sobre o sangue? Muito frequentemente tem-se observado que as cartas escritas na casa de um enfermo, têm transmitido aos que as leiam a mesma enfermidade miasmática. Suporemos então que penetrou nos humores alguma coisa material? Mas para que todas essas provas pois concedamos que haja sucedido assim, e perguntemos ainda; quantas vezes uma palavra injuriosa ou uma afronta qualquer, não produz na pessoa a quem é dirigida uma febre biliosa, que põe em perigo a vida; quantas vezes uma profecia fatal não causa a morte na época anunciada; quantas vezes uma surpresa agradável ou desagradável não suspende subitamente o curso da vida, onde está o princípio morbífico material, que se introduziu em substância no corpo, que produziu a enfermidade e que a mantém, e que sem a expulsão daquele material, através dos medicamentos, toda cura seria impossível?

Os defensores das matérias morbíficas tão rudimentarmente supostas, deveriam envergonhar-se de não terem compreendido a natureza espiritual de nossa vida e de tão levemente não terem tomado conhecimento das causas morbíficas espírito-dinâmicas e deste modo terem se rebaixado ao nível de charlatões, que em sua tentativa de expulsar matérias morbíficas nunca existentes do corpo doente, ao invés de curar destroem a vida.

Os escarros, frequentemente tão repugnantes, que se observam em certas enfermidades, serão, por ventura, a matéria que os produz e os





INTRODUÇÃO

mantêm?⁽¹²⁾ *Não são sempre produtos em si da enfermidade, isto é, da alteração puramente dinâmica que a vida experimentou?*

Com estas falsas ideias materialistas, acerca da essência e da origem das enfermidades, não é estranho que em todas as épocas os médicos mais ilustres, como os mais medíocres e ainda os hábeis inventores dos mais sublimes sistemas, hajam dirigido todos os seus esforços a expulsar a imaginada matéria morbífica, e que a indicação mais constante haja sido sempre a de deitar fora do corpo esta matéria e a indicação mais frequente era a divisão e mobilização da matéria morbífica, procurando permitir sua saída através da saliva, glândulas da traquéia, suor e urina, a uma purificação do sangue, obediamente conseguida pelo entendimento de beberagens de raízes e madeiras de (acrimônias e impurezas) matérias morbíficas *que nunca existiram*, punturas mecânicas da matéria morbífica através de sedenhos e cautérios, de partes da pele mantidas permanentemente abertas e gotejantes pelo emplasto de cantárides ou casca de trovisco, mas de preferência pela evacuação e purgação de *materia peccans* ou da matéria pernicioso, como eles a chamam, pelo canal intestinal por intermédio de medicamentos laxantes e purgativos, aos quais eles costumam chamar de (os infartos?) *dissolventes e suavemente desobstruentes* para dar uma importância maior e uma aparência mais bajuladora – todas essas medidas para a remoção de matérias morbíficas, que nunca puderam existir e nunca existiram para dar origem e manter as doenças do organismo humano, que vive por um princípio espiritual – as doenças que nunca foram outra coisa senão perturbações espírito-dinâmicas da vida modificada em sua sensibilidade e atuação.

Pressupondo, como não podemos duvidar, que nenhuma das doenças – se estas não foram produzidas por substâncias totalmente indigeríveis ou de outro modo muito nocivas, que chegaram aos primeiros caminhos ou em outras aberturas e cavidades do corpo, por corpos estranhos que penetravam na pele etc. – que em suma, nenhuma doença tem por base uma substância material, mas que cada uma delas é apenas e sempre uma perturbação dinâmica especial e virtual do estado geral; como não deve parecer fora de propósito aos olhos de qualquer homem sensato





SAMUEL HAHNEMANN

um método de cura que visa expulsar ⁽¹³⁾ aquelas matérias imaginadas, uma vez que nas doenças principais do homem, nas crônicas, nada de bom pode ser produzido, mas sempre muitíssimo mal!

Os materiais degenerados e as impurezas apreciáveis nas enfermidades, não são outra coisa senão produto das mesmas enfermidades, das quais o organismo sabe livrar-se, algumas vezes de maneira demasiado violenta, sem o auxílio da medicina evacuante, mas que não deixam de reproduzir-se enquanto dura a enfermidade. Estes materiais se apresentam ao médico em muitas ocasiões como sintomas mórbidos e lhe ajudam a completar o quadro da enfermidade, que lhe serve prontamente para encontrar uma potência medicamentosa semelhante, próprio para sua cura.

Mas os atuais partidários da escola antiga, além da teoria da expulsão dos princípios morbíficos materiais, reconhecem outro método o qual chamam de *derivativo*, e consiste em empregar evacuações abundantes e variadas, pretendendo com isso, imitar a natureza em seus esforços espontâneos para restabelecer a saúde do organismo enfermo; tira a febre através do suor ou da urina; a pleurisia, epistaxis, suores e escarros mucosos; outras enfermidades, pelo vômito, pela diarréia e pelas hemorragias anais; as dores articulares, pelas ulcerações fétidas das coxas, as anginas, por meio da salivação, ou por metástases ou abscessos que a natureza faz surgir em outras partes distantes do foco do mal.

Fundados nisto, imaginam que agindo assim, *imitam* a natureza, não refletindo porém, que seguem por caminhos extraviados no tratamento da maioria das enfermidades. Tendo presentes as indicações da força vital enferma, abandonada a si mesma, procedem de maneira indireta ⁽¹⁴⁾, produzindo irritações mais fortes e de índole distinta, em outros locais que não os da enfermidade, promovendo e mantendo evacuações pelos órgãos que mais difiram dos tecidos afetados, com o objetivo de *atrair* o mal até este novo órgão ou aparelho (dissimilares).

Esta derivação foi, e ainda o é hoje, um dos mais usuais e creditados métodos curativos da escola antiga alopática.

Imitando assim a natureza medicatriz, segundo a expressão usada por





INTRODUÇÃO

alguns, propõe-se excitar violentamente, nas partes menos enfermas e que possam resistir melhor à enfermidade medicinal, novos sintomas, que sob a aparência de crises e em forma de evacuações, façam derivar, segundo eles, a enfermidade primitiva ⁽¹⁵⁾, a fim de que as forças medicamentosas da natureza possam efetuar uma queda lenta e gradual da febre ⁽¹⁶⁾.

Os meios são o uso de substâncias que induzem o suor e a urina, as emissões sangüíneas, os sedenhos e cautérios, dando sempre a preferência aos irritantes do tubo digestivo, que têm a qualidade de provocar vômitos ou determinar evacuações, tendo recebido os nomes de estimulantes e dissolventes ⁽¹⁷⁾.

Este método derivativo traz a seu lado outro com o qual tem grande afinidade e que consiste na aplicação de *estimulantes antagonistas*, tais como os tecidos de lã sobre a pele, os escalda-pés, os nauseantes, os tormentos da fome impostos ao estômago e ao canal intestinal (cura pela fome), todos os meios que excitam a dor, inflamação e supuração das partes onde se aplicam, como os sinapismos, como os vesicatórios, a lauréola, os sedenhos, cautérios, moxas, ferro em brasa, acupuntura etc. Acreditam assim, seguir os rumos da natureza crua, que abandonada a si mesma, quer livrar-se da enfermidade dinâmica por meio de provocação de dores em partes distantes daquela enferma, por metástases, abcessos, erupções cutâneas ou úlceras fétidas (mas cujos esforços são totalmente inúteis quando se trata de uma doença crônica).

Isto não é um raciocínio lógico, mas somente uma vulgar *imitação* que a escola antiga faz através destes métodos indiretos, tanto derivativos quanto antagonistas – conduzindo a procedimentos ineficazes, debilitantes e altamente perniciosos; assim procedendo eles paliam ou desviam as enfermidades, substituindo-as comumente, por outras novas mais perigosas. E a semelhante resultado, pode-se dar o nome de cura?

Ela (a escola antiga), ao seguir a marcha dos instintos naturais, nos esforços que este faz, e que eram coroados de um pálido sucesso ⁽¹⁸⁾ nas enfermidades agudas pouco extensas, não fazia mais que imitar a força vital conservadora, abandonada a si mesma, e fundada unicamente





SAMUEL HAHNEMANN

nas leis que regem o organismo, não age senão em virtude destas leis, sem raciocinar nem refletir sobre seus atos. A rude natureza que não consegue, como um cirurgião inteligente, unir os lábios separados de uma ferida e curá-la pela união; que, numa fratura, é impotente qualquer quantidade de matéria óssea que se acumule, para unir os dois extremos do osso fraturado; que, não podendo ligar uma artéria ferida, deixa morrer um homem robusto e cheio de vida, pelo sangramento; que ignora o modo de colocar em sua posição normal a cabeça de um osso deslocado em consequência de uma luxação, e que impede em pouco tempo que a cirurgia possa reduzi-la por causa da inflamação que se manifesta ao seu redor; que para livrar-se de um corpo estranho violentamente introduzido na córnea, destrói o olho por supuração; que uma hérnia estrangulada não sabe remover o obstáculo senão pela gangrena e pela morte; e que, finalmente, nas enfermidades dinâmicas, exacerba o mal através das mudanças de forma que lhe imprime. Mas ainda há mais: *esta força vital não inteligente admite sem hesitação em nossos corpos*, os maiores flagelos de nossa existência terrestre, fontes das inumeráveis doenças que afligem a espécie humana há séculos, ou seja, os miasmas crônicos (a Psora, a Syphillis e a Sycosis). Longe disto nem ao menos tem o poder de moderar seus danos, nem suspender ou neutralizar os terríveis efeitos destas três pragas miasmáticas, e impassível, as observa ir destruindo pouco a pouco a organização dos pobres enfermos, até que a morte venha pôr termo a seus cruéis sofrimentos.

Como, num assunto de tanta importância como a cura, que exige tanta meditação, juízo e discernimento, a escola antiga, que reclama para si o título de racional, determinou-se tomar como modelo, guia e norma a esta força vital, imitando sem reflexão nem critério, os atos indiretos revolucionários que executa nas enfermidades, enquanto foi concedida ao homem a razão, esse precioso dom da divindade, para superar a natureza, encontrando os socorros que devem prestar a seus semelhantes?

Quando a medicina dominante, aplicando como de costume os métodos antagonistas derivativos, que repousam unicamente sobre uma





INTRODUÇÃO

imitação irreflexiva da energia grosseira, automática e sem inteligência, ataca os órgãos inocentes e os cumulam de dores mais agudas do que aquelas produzidas pela enfermidade, contra a qual aqueles métodos são dirigidos, ou os obriga como frequentemente acontece, a evacuações que esgotam as forças e os humores do enfermo; seu objetivo é o de afastar a atividade mórbida que a vida acumulou nos órgãos primitivamente afetados, e dirigi-la aos órgãos artificialmente atacados e assim, indiretamente, provocando uma enfermidade diferente muito maior em partes mais sadias, quer dizer, forçar a remoção da doença natural por um desvio quase sempre doloroso que esgota as forças ⁽¹⁹⁾.

Quando esses falsos ataques se dirigem a uma enfermidade aguda, e por conseguinte de curso rápido, se transporta, é verdade, o foco do mal a outras partes distantes daquelas primitivamente ocupadas; porém, nem por isso logrou-se a cura. E nada há nesse tratamento revolucionário que se reporte de uma maneira direta e imediata aos órgãos primitivamente enfermos, e que mereça com propriedade o título de *cura*. Se estes bruscos ataques houvessem sido evitados, dirigidos à vida do restante do organismo, ter-se-ia visto muito frequentemente desvanecer-se a enfermidade por si só, de maneira mais rápida, deixando-lhe muito menos padecimento e sem produzir tão grande perda de forças. Ademais, nem o fato de se abandonar a natureza às suas próprias forças, nem sua imitação alopática, podem comparar-se com o tratamento (homeopático), dinâmico e direto, que sem atacar nem destruir as forças do enfermo, lhe restitui a saúde de maneira imediata e rápida.

Porém, na imensa maioria das enfermidades, nas afecções crônicas, estes tratamentos da escola antiga, perturbadores, debilitantes e indiretos, quase nunca produzem benefício algum. Seu efeito se reduz a suspender por poucos dias este ou aquele sintoma molesto, que reaparece depois, assim que a natureza se acostume à nova irritação aplicada em regiões diferentes da primeira, e então a enfermidade apresenta-se mais inoportuna, pois as dores antagonistas e as evacuações imprudentes diminuiram a energia da força vital ⁽²⁰⁾.

Enquanto que a maior parte dos médicos da velha escola, imitando





de uma maneira geral os esforços e os movimentos críticos da natureza, abandonada a seus próprios recursos, induzia na prática estas chamadas derivações (com as quais faziam as variações que lhes sugerisse suas próprias ideias); outros, propondo-se uma finalidade mais elevada, *procuravam favorecer de todos os modos as tendências da força vital, quando esta indicava que iria expelir a enfermidade por meio de evacuações e metástases*, e esforçavam-se então por ativar e manter essas derivações e evacuações, pois com esta conduta, *duce natura*, estavam convencidos de que mereciam com razão o título de ministros da natureza (*ministri naturae*).

Como acontece frequentemente nas doenças crônicas, as evacuações que a natureza espontaneamente determina, produzem algum alívio de certos sintomas dolorosos, paralisias, espasmos etc., a escola antiga inferiu daí, a conveniência de manter, excitar, favorecer ou aumentar estas evacuações. Mas não considerou que todas essas pretensas crises da natureza abandonada a si mesma, tão somente ofereceram um alívio paliativo demasiado fugaz, e que longe de contribuir à verdadeira cura, agravam o mal interior primitivo e esgotam as forças do enfermo. Jamais se viu o restabelecimento completo e duradouro da saúde através destes esforços da natureza; nunca, estas evacuações excitadas espontaneamente pelo organismo curaram radicalmente doença crônica alguma ⁽²¹⁾. Pelo contrário, em todos os casos desse gênero, tem-se observado que depois de um alívio insignificante, cuja duração vai-se tornando mais curta, a afecção primitiva agrava-se ostensivamente e os acessos retornam cada vez mais frequentes e mais fortes, ainda que as evacuações se apresentem contínuas. Assim, a natureza, quando abandonada a seus próprios recursos nas afecções crônicas internas, que comprometem a vida, não sabe ajudar-se senão pela expressão de sintomas locais externos, objetivando retirar o perigo dos órgãos nobres e indispensáveis à vida, transladando-os por metástases aos que não são tão importantes; esses esforços da força vital energética, mas sem inteligência, sem reflexão nem critério, jamais produzem uma cura radical e completa; não são outra coisa senão paliações e curtas suspensões concedidas à





INTRODUÇÃO

doença interna, às expensas de uma quantidade enorme de humores e de força, sem que por isso a afecção primitiva tenha perdido sua gravidade. Sem um tratamento homeopático adequado, apenas retarda-se a morte que é inevitável.

A alopatia da escola antiga, não satisfeita em imitar exageradamente os esforços da grosseira e automática natureza, dava-lhes ademais uma falsa e absurda interpretação. Imaginando que aqueles esforços eram verdadeiramente saudáveis, procurava favorecê-los por todo os meios possíveis e ainda aumentá-los enormemente, com esperança de vir assim a destruir radicalmente a enfermidade, procurando uma cura completa. Quando numa doença crônica, a força vital parecia que dominava este ou aquele sintoma interior incômodo, por exemplo, por meio de um exantema úmido, o servo da força natural bruta aplicava um apispático ou outro exutório qualquer sobre a superfície supurante, para atrair pela pele uma maior quantidade de humor, ajudando assim a natureza na cura, tirando dos corpos o princípio morbífico. Porém, quando era muito antiga a existência do herpes, o enfermo muito sensível e a ação do estímulo aplicado demasiado violenta, a afecção externa aumentava muito, sem trazer benefício algum ao mal primitivo; tornava as dores mais violentas, que tiravam o sono do doente, diminuían suas forças e determinavam, com bastante freqüência, a aparição de uma *erisipela* grave. Outras vezes, quando o remédio agia mais suavemente sobre a afecção local, não sendo esta muito antiga, exercia uma espécie de homeopatismo externo sobre o sintoma local que a natureza havia trazido à pele, a fim de aliviar a enfermidade interna, de onde resultava um perigo maior expondo-se a força vital, pela supressão de sintoma local, a provocar um risco maior sobre qualquer outra parte nobre. Por isso, se produzia em substituição, oftalmias terríveis, surdez, espasmos do estômago, convulsões epiléticas, acessos de sufocação, ataques de apoplexia, doenças mentais etc. ⁽²²⁾

Igual pretensão de favorecer o impulso curativo da força vital conduzia o *ministro da natureza*, quando a enfermidade fazia afluir o sangue até as veias do reto ou do ânus (hemorroidas cegas), a recorrer às apli-





cações de sanguessugas, frequentemente em grande número, a fim de dar saída ao sangue por este local. A emissão sangüínea é certamente um alívio, tão passageiro na maioria das vezes, que não se deveria fixar a atenção nela, porém, ao contrário, sempre traz consigo o aumento da debilidade, determinando uma congestão, mais forte próxima à extremidade do canal intestinal, sem diminuir em nada o mal primitivo.

Seguindo o mesmo rumo, em quase todos os casos em que a força vital enferma procurava evacuar um pouco de sangue pelo vômito, expectoração etc., com o objetivo de retirar o perigo de uma afecção interna grave, empenhavam-se, *duce natura**, em apoiar esses pretensos esforços saudáveis da natureza, e extraíam sangue das veias abundantemente, o que não impedia que sobreviessem graves acidentes, que sempre deixavam atrás de si uma debilidade profunda.

Quando um enfermo padecia de frequentes náuseas, sob pretexto de entrar nas vistas da natureza, se lhe prodigalizavam os vomitivos, o que em vez de produzir resultados satisfatórios, trazia conseqüências perigosas, sérios acidentes e até mesmo a morte.

Às vezes, a força vital, para apaziguar um mal interno, provoca uma tumefação nas glândulas linfáticas internas. O ministro da natureza supõe bem servir a sua divindade, dirigindo esses tumores à supuração por toda sorte de fricções, aplicações estimulantes, para em seguida introduzir o bisturi no abcesso já maduro, com o fim de extrair a matéria morbífica.

Pela experiência, um milhão de vezes repetida, tem-se demonstrado as graves conseqüências, os intermináveis males que, quase sem exceção, esta prática produz.

Como os alopatas puderam observar muitas vezes, os suores noturnos espontaneamente produzidos, ou ainda frequentes fezes líquidas, aliviam os padecimentos em alguns casos de doenças crônicas; acreditaram-se então obrigados, seguindo estas indicações da natureza, *duce natura**, a excitar nas mesmas doenças o suor e as evacuações, prescrevendo um tratamento sudorífico completo e o uso continuado por muitos meses e até anos, do que chamam laxantes suaves, a fim de promover e aumentar

(*) N.T. Guia da natureza.





INTRODUÇÃO

os esforços da natureza (a força vital do organismo não inteligente) que, como ele supõe, dirige-se à cura de todo o mal crônico e assim liberta o doente o mais breve e seguramente de sua doença (a matéria de sua doença?). Porém essa conduta tem um resultado oposto ao que se propõe, ou seja, agrava sempre o mal primitivo.

De acordo com sua opinião pré-concebida, mas infundada, o médico da velha escola continua a promover os impulsos da força vital enferma (23), e aumentando-as, porém nunca para chegar a um final feliz, com derivações e evacuações que *apenas* levam à ruína do doente, sem se conscientizar que todos os males locais, evacuações aparentes, esforços de derivações para amenizar o mal crônico original, pela força vital sem inteligência e abandonada a si mesma, são justamente a doença em si, o sinal da doença total, contra a qual na verdade, só um medicamento escolhido homeopaticamente, pelo seu efeito de semelhança, seria o único remédio capaz de curar da maneira mais rápida.

Como tudo o que a natureza, abandonada a si mesma, executa com o fim de aliviar as doenças, sejam agudas ou especialmente as crônicas, é bastante imperfeito, e é *doença por si mesma*, é fácil calcular, que a promoção artificial desta imperfeição e doença, prejudica ainda mais, e mesmo em males crônicos não foi capaz de melhorar nada na ajuda da natureza, pois a arte dos médicos não conseguia penetrar os caminhos secretos nos quais a força vital produz suas crises, mas tenta conseguir por meios externos, que por sua vez são menos benéficos ainda do que aquilo que a força vital instintiva abandonada a si mesma faz do seu modo; são ainda mais perniciosos e roubam ainda mais forças. O alívio incompleto que a natureza logra algumas vezes por derivações e crises, não pode ser completamente conseguido pelo médico, quando tenta seguir-lhe os caminhos, e apesar de todos seus esforços, fica-se ainda muito atrás, em proporção ao pobre socorro que presta à força vital abandonada a si mesma.

Com ferramentas que arranham, procuram provocar hemorragias nasais, imitando as epistaxis naturais, com o objetivo de acalmar, por exemplo, os acessos de uma cefalalgia crônica. Desta maneira se tem





logrado extrair uma quantidade de sangue suficiente para debilitar o enfermo, conseguindo, entretanto, um alívio muito menor ou mais passageiro que o alcançado pela força vital, quando esta, por seu próprio impulso, determina a saída de algumas gotas de sangue pelas narinas.

Os suores ou diarréias críticas, que a força vital em sua ação permanente, após rápido adoecimento, determina para neutralizar os efeitos perniciosos de um aborrecimento, susto, mal jeito ou resfriamento etc., são mais eficazes para acalmar instantaneamente os sofrimentos agudos do enfermo, que todos os sudoríferos e purgantes de uma botica, que não fazem mais que, quando administrados nesses casos, agravar o enfermo, como nos mostra a experiência diária.

No entanto, a força vital, sem inteligência, sem reflexão, sem discernimento, que não pode operar por si mesma, senão conformar-se à disposição orgânica de nosso corpo, não nos autoriza a tomá-la por melhor e único guia que se deva seguir no tratamento das enfermidades, e muito menos para que imitemos servilmente os incompletos e doentios esforços que executa para sobrepor-se a elas. Se nos propormos a imitar cegamente os atos da natureza, nos escusaremos dos trabalhos de inteligência e reflexão necessários à descoberta da verdadeira arte de curar; enfim, substituiremos a mais nobre de toda as artes humanas por uma má cópia de auxílio pouco eficaz que a natureza proporciona para repelir as enfermidades, quando abandonada às suas próprias forças.

Que o homem racional pretenderia imitar os esforços conservadores da natureza, quando estes são precisamente a própria enfermidade; a força vital morbidamente afetada é a produtora da doença que se manifesta! A arte, pois, deve aumentar o mal quando imitar os processos da natureza, ou suscitar graves perigos quando suprimir seus esforços. O alopata faz um e outro, e a esses procedimentos quer dar o nome de medicina racional!

Não!, essa força vital, inata no homem, que preside a vida de maneira perfeita enquanto dura a saúde, cuja presença se deixa sentir em todas as partes do organismo, na fibra sensível como na irritável, e que é o motor infatigável de todas as funções normais do corpo, não foi criada para servir de auxílio a si mesma nas enfermidades, nem para exercer





INTRODUÇÃO

uma medicina digna de imitação. *Não!*, a verdadeira medicina, obra da reflexão e do juízo, é uma criação do espírito humano que, quando a energia automática da força vital é impelida para exercer atos anormais por causa da enfermidade, sabe imprimir-lhe uma modificação morbosa análoga, porém sensivelmente mais forte, por meio de um medicamento homeopático; de forma que a enfermidade natural não possa mais influir sobre ela, e que depois que esta houver desaparecido pela ação do medicamento, a força vital recobre seu primitivo estado normal, voltando novamente a presidir a manutenção da saúde, sem que durante estas transformações tenha sofrido nada que fosse capaz de debilitá-la. Estes são precisamente os resultados que podemos conseguir com os meios que nos ensina a medicina homeopática.

Um grande número de enfermos tratados com os métodos da escola antiga, curaram-se de suas enfermidades, ainda que não nos casos crônicos, não venéreos, mas sim nos casos agudos, que oferecem menos perigo. No entanto, somente por meio de penosas evasivas alcançava-se estas curas, e de maneira, na maior parte das vezes, tão imperfeita, que não se podia dizer com razão, que fosse devido a uma arte benéfica e suave em seus procedimentos. Nas ocasiões em que não se apresentava iminente perigo, davam-se por satisfeitos os alopatas, umas vezes reprimindo as enfermidades agudas com as sangrias, outras suprimindo quaisquer de seus principais sintomas, por meio de um paliativo enantiopático (*contraria contrariis*) e outras vezes ainda, interrompendo-as através de irritantes e repulsivos, aplicados em pontos diferentes do órgão enfermo, até o curso da evolução natural haver terminado, isto é, opunham às enfermidades meios indiretos, trazendo consigo um desperdício de forças e de humores. Conduzindo-se dessa maneira, tudo o que fosse necessário para triunfar sobre a enfermidade, ficaria a cargo da força conservadora da vida, que deveria não somente opor-se à enfermidade natural aguda, mas também às conseqüências de um tratamento mal dirigido. Excetuando-se um pequeno número de casos devidos à casualidade, a força vital, sem mais auxílio que sua própria energia, era





quem deveria devolver a seu ritmo normal as funções alteradas, o que fazia de forma incompleta na mais das vezes, sempre vencendo grandes dificuldades e produzindo acidentes de natureza diferente.

Por isso, é mais duvidoso que a medicina atual, com seus processos para tratar as enfermidades agudas, ajude realmente a natureza em seu trabalho para conseguir a cura, suposto, que nem a alopatia nem a natureza possam obrar de maneira direta, e que os métodos derivativo e antagônico da escola antiga não possuem mais virtude que a de desarmonizar a normalidade do organismo e produzir maior debilidade de força.

A escola alopática conta também com outro método curativo, a que chamam de *excitante e fortificante* (24) e que consiste no uso de substâncias (*chamados tônicos, excitantes, nervina, confortativos e fortificantes*). Causa muita admiração vê-la envaidecer-se com este método.

Alguma vez se logrou destruir a debilidade que uma doença crônica produz, mantém ou aumenta, prescrevendo, como faz esta escola, o uso do vinho do Rhine ou do Tokay? Com esse método não poderia curar a doença crônica, origem da debilidade; as forças do enfermo decaem tanto quanto mais vinho se lhe dê, porque excitações artificiais tem relaxamento como reação natural.

Ou será que a casca da quina ou suas *amara* não compreendidas, ambíguas e de outra forma prejudiciais emprestavam forças nesses casos tão frequentes? Essas substâncias vegetais tidas em qualquer circunstância como tônicas e fortificantes, juntamente com as preparadas de ferro não acrescentavam frequentemente novos males de seus morbíficos peculiares aos antigos, sem poder remover a debilidade decorrente de uma antiga enfermidade desconhecida?

Os assim chamados *unguenta nervina* ou outros tópicos espirituosos e balsâmicos, alguma vez diminuíram, duradoura ou momentaneamente a paralisia incipiente de um braço ou de uma perna que proceda, como ordinariamente acontece, de uma doença crônica, sem que esta se tenha curado antes? As comoções elétricas e galvânicas, tiveram alguma vez outro resultado em circunstâncias análogas, que





INTRODUÇÃO

o de agravar pouco a pouco a paralisia da irritabilidade muscular e da excitabilidade nervosa? ⁽²⁵⁾

Os excitantes e afrodisíacos tão louvados, o âmbar, a tintura de cantáridas, as trufas, o cardamomo, a canela e a baunilha, não terminam por converter em uma absoluta impotência e debilidade gradual das faculdades viris (cuja causa é sempre um miasma crônico despercebido)?

Como pode lisonjear-se a escola antiga de produzir uma força e uma excitação, que somente duram algumas horas, quando o resultado que sempre se segue, conduz ao estado contrário, à incurabilidade do mal, segundo a lei da natureza de todos os paliativos?

O parco alívio que os excitantes e fortificantes obtêm para as pessoas que padecem de enfermidades agudas, segundo o método antigo, nada é em comparação aos inconvenientes resultantes de seu uso nas doenças crônicas.

Quando a medicina antiga não sabe o que fazer, nem como atacar uma doença crônica, que não cede a nenhum dos métodos expostos, e que se agrava com eles, lança mão, às cegas, dos medicamentos designados com o nome de alternantes, como são *os* mercuriais (os calomelanos, o sublimado corrosivo, o unguento mercurial), cujas virtudes tão exaltadas no tratamento das doenças crônicas (não venéreas), e que com tanta prodigalidade usa, fazendo-os agir por longo tempo no organismo do enfermo, produzem, na verdade, grandes alterações, porém nunca em sentido favorável; geralmente acaba de arruinar a saúde pela ação de um metal tão pernicioso, quando não é empregado oportunamente, e que tão grandes serviços prestam quando bem utilizados.

Quando nas febres intermitentes endêmicas, de certos países, e que atacam um número considerável de pessoas, prescrevem altas doses de quina, e que só homeopaticamente a verdadeira febre intermitente dos pântanos é curada, se a Psora não se lhe opor, dando uma prova de sua inconsiderada e rápida condução, posto que estas febres apresentam um tipo diferente a cada vez que aparecem, reclamando por conseguinte um novo remédio homeopático, do qual basta uma pequeníssima dose, única ou repetida, para curá-la radicalmente em alguns dias. Como estas





enfermidades reaparecem periodicamente, a velha escola acredita que, como estas febres epidêmicas têm também crises periódicas (*typus*), e ela vê em todas as febres intermitentes apenas o seu *tipo*, ela não conhece nem procura conhecer outro febrífugo senão a china, eu digo que a velha rotina crê poder aniquilar o *tipo* das febres intermitentes epidêmicas com doses maciças de china e seu raro extrato (quinina) (o que a força vital ignorante, neste caso porém mais sábia, procura evitar às vezes durante meses) ter *curado* essas febres epidêmicas. Mas o enfermo, fica *sempre* pior após essa supressão do período de crise (*typus*) de sua febre do que ele estava durante a mesma: pálido no rosto, asmático, como que amarrado nos hipocôndrios com os intestinos desarranjados, com falta de apetite, com sono agitado, com prostração e falta de coragem, frequentemente com forte inchação das pernas, do ventre e das mãos, ele se arrasta, e *sai como curado* do hospital. Não é raro que se leve alguns anos de laborioso tratamento homeopático para apenas salvar da morte um doente destruído em sua raiz (curado?) artificialmente caquético, muito longe de curá-lo e restabelecer-lhe a saúde.

A escola antiga se glorifica de dissipar com o uso da valeriana o estupor profundo, que acompanha certas febres nervosas, e como o resultado que se obtém por esse meio é sempre de curta duração, se vê obrigada a aumentar progressivamente as doses dessa raiz para reanimar o enfermo por alguns momentos, convencendo-se logo que as mais altas doses não produzem o efeito esperado, ao passo que a reação, determinada por uma substância cuja ação estimulante não é mais que um simples efeito primário, paralisa inteiramente a força vital e entrega o enfermo a uma morte segura, que esse tratamento, *racional*, torna inevitável. No entanto, a escola antiga não querendo se convencer de que, em semelhante caso, mata a golpe seguro, atribui a morte do enfermo à malignidade da enfermidade.

A *Digitalis purpurea* é talvez entre os paliativos a mais temível, e é com ela que a escola reinante mostra-se mais orgulhosa, quando quer tornar mais lento o pulso (puramente sintomático) numa doença crônica. A primeira dose desse poderoso medicamento, que aqui age de uma





INTRODUÇÃO

maneira enantiopática, diminui seguramente o número das pulsações arteriais, por algumas horas, após a primeira dose; no entanto, o pulso não tarda muito a recobrar sua antiga velocidade. Se, aumenta-se a dose com o fim de tornar ainda mais lento o pulso, o conseguem outra vez, porém por tempo mais curto. Então o alopata dobra as doses de digital e encurta o espaço entre suas administrações; agora porém, não só a virtude dessa planta é completamente ineficaz para conter a frequência das batidas do coração, mas como o número das pulsações cresce até o ponto de *não podê-las contar*, o enfermo, que vinha diminuindo o apetite e perdendo as forças, se encontra transformado num verdadeiro cadáver. Os poucos enfermos que, tratados com a digital, *escapam da morte*, caem infalivelmente numa mania incurável ⁽²⁶⁾.

Eis aqui como os alopatas dirigem seus tratamentos. Mas os enfermos se viam obrigados a se sujeitar a estes desastrosos procedimentos, pois não encontravam nenhum alívio mudando de médico, uma vez que a instrução de todos provinha do mesmo manancial impuro.

A causa fundamental das doenças crônicas (não venéreas), e os meios para curá-las, eram desconhecidos dos práticos, que no entanto, se pavoneavam de suas curas, dirigidas, segundo afirmavam, contra as causas, e do cuidado que aparentavam ter em buscar a *origem* das afecções, para formar seu diagnóstico ⁽²⁷⁾. Como poderiam curar o imenso número de doenças crônicas com seus métodos indiretos, imitações perigosas e imperfeitas do *impulso* da força vital não inteligente, impulso que não está destinado a servir como modelo da conduta que se deve seguir em medicina?

Os que acreditavam que a causa da enfermidade poderia ser deduzida dos sintomas que esta expressava, dirigiam suas pretendidas curas radicais contra o espasmo, a inflamação (pletora), a febre, a debilidade geral ou parcial, a pituita, as obstruções, a putridez etc., imaginando que iam afastando a causa da enfermidade com seus antiespasmódicos, antiflogísticos, fortificantes, excitantes, antissépticos, fundentes, resolutivos, derivativos, evacuantes e outros meios antagonistas, cujos efeitos não conheciam (senão muito superficialmente).





Porém estas vagas indicações não são suficientes para buscar e encontrar os remédios que sejam da verdadeira ajuda, e menos ainda para achá-los na *matéria médica* da escola antiga, que, como já foi demonstrado em outro lugar ⁽²⁸⁾, se apoia, na maioria das vezes, em simples conjecturas e conclusões (*ab usu in morbis*) deduzidas dos efeitos obtidos da aplicação desses meios nas enfermidades.

Procedia-se de maneira igualmente arriscada quando, deixando-se guiar por indicações hipotéticas ainda, agiam contra a falta ou o excesso de oxigênio, de carbono, de azoto ou de hidrogênio nos humores; contra exaltação ou diminuição da irritabilidade, da sensibilidade, da reprodução, da astenia etc., sem conhecer meio algum que possuísse a virtude de alcançar o objetivo tão fantástico. Porém isso não impedia que se fizessem ostentação desses meios curativos que nenhuma vantagem retornava aos enfermos.

Porém toda a aparência de tratamento racional das enfermidades, desaparecia ao fixar a atenção sobre o costume consagrado pelo tempo, *e ainda erigido como lei, de associar diferentes substâncias medicinais para compor o que se chama uma receita ou fórmula*. Põe-se à testa nesta fórmula com o nome de *base* um medicamento (cuja esfera medicinal é completamente desconhecida), mas que se lhe supõe a virtude de combater o caráter principal que o médico atribui à enfermidade; unem-se à base, *ajudantes*, uma, duas ou mais substâncias (cuja maneira de afetar o organismo não é menos desconhecida que a base), mas que são destinadas pelo médico a preencher alguma indicação acessória, ou dar a maior energia à virtude curativa da primeira; acrescenta-se um *corretivo* (cujas propriedades medicinais não se conhecem melhor que as dos agentes anteriores); mistura-se tudo, fazendo entrar algumas vezes um xarope qualquer ou uma água destilada, que também possui suas virtudes medicinais, e se supõem que cada um dos ingredientes dessa mistura, uma vez introduzidos no corpo do enfermo, desempenhará o papel que o pensamento do médico lhe assinalou, sem deixar-se perturbar pelos demais que o acompanham. O bom senso nega-se a admitir que os medicamentos assim misturados, se conduzem simultaneamente





INTRODUÇÃO

no corpo do enfermo da maneira que o médico lhes ordenou. Um dos ingredientes destrói ao outro total ou parcialmente em seu modo de agir, ou lhe imprime, o mesmo que aos demais da mistura, um novo modo de ação, que não se havia previsto, de forma que o efeito que se esperava de sua administração não pode se produzir. O inexplicável enigma das misturas de medicamentos, traz consigo muitas vezes uma modificação da enfermidade, que não era esperada, e que às vezes, não se pode distinguir claramente em meio ao conjunto de sintomas, donde muitas vezes procede que, não se atribuindo essa modificação ao uso dos medicamentos administrados, o uso da receita é continuado, até determinar uma nova enfermidade artificial permanente. Se o enfermo não usa por muito tempo os medicamentos de uma mesma receita e se lhe dão os componentes de outras diferentes e variadas receitas, resulta com freqüência pelo menos o aumento da debilidade, pois as substâncias que se prescrevem, geralmente têm pouca ou nenhuma analogia com a enfermidade primitiva, não fazendo mais que atacar a integridade do organismo, sem utilidade alguma para o enfermo.

Ainda que fosse conhecida a ação dos medicamentos sobre o organismo humano (e o médico que formula a receita, frequentemente não conhece a centésima parte de seus constituintes), misturando muitos deles, alguns dos quais já sendo compostos, e cada um diferindo muito dos outros relativamente à sua energia especial, ordenando ainda que o enfermo tome essa mistura inconcebível em grandes doses e frequentemente repetidas, pretendendo o efeito curativo, ainda assim, cometeria um absurdo que revolta a todo o homem sem prevenções e acostumado a refletir ⁽²⁹⁾.

O resultado desta medicação é naturalmente oposto ao que se espera. Com ela se produzem mudanças, é verdade, contudo não há uma só que seja favorável ou conforme a finalidade desejada.

Se perguntasse agora, a qual destas manobras, executadas às cegas no corpo do homem enfermo, se poderia chamar de *cura*, o que se me responderia? Que nenhuma seguramente!

Só se deve esperar a cura da reação da força vital, depois que tenha





SAMUEL HAHNEMANN

recobrado seu ritmo natural de atividade, em virtude de um medicamento apropriado. Em vão esperar-se-ia obtê-la extenuando o corpo, segundo os preceitos do que se tem chamado arte de curar. E, no entanto, a escola antiga não sabe opor à evolução da doença crônica, mais que meios próprios para martirizar o enfermo, esgotar suas forças, extrair-lhe os humores e encurtar sua vida! Como se pode salvar, destruindo? É se a medicina antiga destruindo pretende salvar, merece realmente o título de arte de curar? Agindo *lege artis* da maneira mais oposta a seu objetivo, que fazendo o contrário *ἀλλοια*, do que seria conveniente de maneira que (quase que se poderia crer que é com intenção decidida) de fazer mal. É possível que devamos tolerá-la e deixá-la preconizar tranquilamente suas curas racionais?

Nestes últimos tempos têm exagerado tanto em sua crueldade para com os enfermos e no absurdo dos seus métodos de tratamento, que todo o observador imparcial deve reconhecê-lo, e até mesmo os médicos saídos de seu próprio seio, movidos por suas consciências, como Krüger-Hausen, têm-se visto na obrigação de confessá-lo publicamente.

Já era tempo de que a eterna sabedoria do Criador e conservador dos homens, pusesse termo a estas abominações, e que fizesse aparecer uma medicina inversa, que em vez de esgotar os humores e as forças por meio de vomitivos por anos a fio, purgantes, banhos quentes, sudoríficos e salivantes; de verter em excesso o sangue indispensável à vida; de torturar com toda classe de meios dolorosos; de acrescentar insensatamente novas enfermidades às antigas, e de tornar incuráveis estas últimas pelo uso prolongado de medicamentos heroicos, desconhecidos em sua maneira de agir; em uma palavra, de colocar o arado à frente dos bois, segundo o lema: *contraria contrariis curentur*, e de abrir sem piedade um largo caminho à morte, economiza todo o possível a força dos enfermos, e lhes leve com suavidade e prontidão a uma cura duradoura com o auxílio de um pequeno número de agentes simples, bem conhecidos em sua ação, eleitos com discernimento e administrados em doses mínimas seguindo a única lei de cura conforme a natureza: *similia similibus curentur*. Já era tempo de que se descobrisse a Homeopatia.





Exemplos de curas homeopáticas verificadas involuntariamente por médicos da escola antiga

Através de observação, meditação e experiência eu descobri que, ao contrário da velha alopatia, a verdadeira, melhor e mais acertada maneira de curar se resume nesta tese: *Escolha para poder curar suave, rápida, acertada e duradouramente em cada caso de doença, um medicamento que é capaz de produzir por si mesmo uma afecção semelhante (ομοιον πατος) à que pretende curar.*

Este método homeopático não foi *ensinado nem posto em prática* por ninguém antes de mim. Porém se este método é o único que está em harmonia com a verdade, do que se poderá convencer lendo este livro, temos o direito de esperar que, ainda que desconhecido por tanto tempo, cada século nos ofereça no entanto, provas decisivas de sua existência ⁽³⁰⁾. Isto é com efeito o que acontece.

Os enfermos que em qualquer época têm *sido curados de maneira pronta, duradoura, positiva e manifesta* pelo auxílio de algum medicamento e não por alguma circunstância favorável, ou porque a enfermidade aguda houvesse chegado a sua evolução natural, ou porque as forças do enfermo hajam recobrado enfim, pouco a pouco seu ritmo normal, durante um tratamento alopático ou antipático (pois ser curado diretamente, dista muito de sê-lo por uma via indireta), estas enfermidades têm cedido, ainda que por ignorância do médico, à ação virtual de um remédio homeopático, isto é, à ação virtual de um agente que possuía a faculdade de produzir por si mesmo um estado mórbido, semelhante àquele para cuja eliminação se empregava.

Até nas *verdadeiras curas*, obtidas em virtude da ação de medicamentos compostos, cujos exemplos não são muito frequentes, se observa que a ação do remédio que dominava aos demais da mistura, era sempre de índole homeopática.

Ainda se nos apresenta mais evidente esta verdade, em certos casos em que os médicos, esquecendo-se da prática rotineira de misturar muitos medicamentos em cada receita, conseguiram curas rápidas com o auxílio de um medicamento simples. Então se via com surpresa





que era devida a uma substância medicinal, capaz de produzir *por si mesma* uma enfermidade semelhante à que curava, ainda quando o médico desconhecia o que fazia, e não agisse desta maneira, senão esquecendo-se dos terminantes preceitos de sua escola. Administrando um medicamento contrário ao que sua terapêutica lhe ensinava, por essa única razão, destruía a enfermidade e só assim restabelecia a saúde de seu enfermo ⁽³¹⁾.

Deduzindo-se os casos em que se havia fornecido aos médicos comuns (não sua arte inventiva, mas *o empirismo do homem comum*) meios específicos com os quais podiam curar diretamente, por exemplo, a doença venérea do cancro com mercúrio, a doença das contusões com arnica, as febres intermitentes dos brejos com casca de china, a sarna incipiente com pó de enxofre etc.; excluindo estas, achamos que todas as outras curas dos médicos da velha escola em doenças crônicas, são quase sem exceção debilitações, tormentos e sofrimentos dos doentes já tão torturados que pioram seu estado e os leva à perdição, e por outro lado, levando as famílias à ruína.

Às vezes uma experiência cega os levava ao tratamento homeopático ⁽³²⁾ e mesmo assim, não percebem a lei da natureza, segundo à qual as curas se efetuavam e tinham que se efetuar.

É portanto de maior importância para o bem da humanidade, verificar como estas curas tão extremamente raras e tão maravilhosamente eficientes aconteciam. A explicação que se tem a respeito é da maior importância. É que elas nunca se davam de outra maneira senão, através de medicamentos de caráter homeopático, isto é, uma força capaz de produzir uma doença semelhante da doença a ser tratada. Elas aconteciam de maneira rápida e duradoura através de medicamentos que seus receitadores, mesmo contrariando todos os ensinamentos e sistemas de até então, escolhiam por acaso (sem saber ao certo o que estavam fazendo e porque o faziam). E assim, contra sua própria vontade, viam-se diante da necessidade de confirmar a única lei de cura da natureza, a homeopatia; uma lei de cura que nenhum médico de épocas passadas, por estar ofuscado pelos preconceitos, se esforçou por encontrar, ainda que tantos fatos e tantos avisos os





EXEMPLOS DE CURAS HOMEOPÁTICAS

levassem nesta direção.

Até a prática com remédios caseiros da classe não médica, mas que dotada de uma sadia capacidade de observação, aceitou em sua experiência este meio de cura como o mais seguro, mais sólido e o mais infalível.

Nos membros recém congelados coloca-se chucrute gelado ou esfrega-se neve⁽³³⁾.

A mão sobre a qual caiu caldo quente o cozinheiro experiente mantém a pequena distância do fogo e não dá importância à dor inicialmente aumentada, pois pela experiência ele sabe, que assim em pouco tempo, às vezes em poucos minutos, a parte queimada pode se transformar em pele sadia e indolor ⁽³⁴⁾.

Outros não médicos inteligentes, por exemplo os *envernizadores* colocam nas partes queimadas uma substância semelhante, que provoca *ardor*; *álcool* forte bem aquecido⁽³⁵⁾ ou *óleo de terebintina* ⁽³⁶⁾ e se recuperam assim em poucas horas, ao passo que os unguentos refrescantes não o permitem meses a fio e água fria ainda piora o mal ⁽³⁷⁾.

O velho ceifador experiente, mesmo o que não costuma tomar aguardente, nunca tomará água fria, se ele houver se esforçado no calor do sol até ficar com febre ardente (*contraria contrariis*) – ele conhece a perniciosidade desta medida – mas toma um pouco menos de um líquido que provoque *calor*, um gole moderado de aguardente; a mostra da verdade, a experiência o convenceu da grande vantagem do poder de cura deste método homeopático; seu calor é rapidamente removido como também seu cansaço ⁽³⁸⁾.

De tempos em tempos houve até médicos que pressentiam que os medicamentos capazes de através de sua força produzir sintomas mórbidos curam situações mórbidas análogas ⁽³⁹⁾.

Assim diz o autor do livro *περι τόπων των και ανθρωπων* [sobre as coisas referentes ao homem] que se encontra entre os hipocráticos ⁽⁴⁰⁾ as palavras memoráveis:

δια τα ομοια νουσος γίνεται, και δια τα ομοια προσφερομενα εχ νοσεντων υγιαίνονται, - δια το εμέειν επετος παύεται. -





[A doença nasce através dos semelhantes e através dos semelhantes os doentes são trazidos à saúde – pelo vomitar o vômito cessa] (*).

Da mesma maneira outros médicos posteriores sentiram a verdade do método de cura homeopática e se pronunciavam a respeito. Assim, por exemplo, *Boulduc* ⁽⁴¹⁾ reconhece que a qualidade purgativa do ruibarbo é a causa de sua força de parar uma diarreia.

Detharding adivinha ⁽⁴²⁾ que a infusão de folhas do sene acalma a cólica em adultos, pelo seu efeito análogo de provocar cólicas em pessoas sãs.

Bertholon ⁽⁴³⁾ confessa que a eletricidade ameniza e destrói a mais intensa dor semelhante em doenças que ela mesma possa provocar.

Thoury ⁽⁴⁴⁾ afirma que a eletricidade positiva de um lado acelere as batidas do pulso, mas quando este se encontra morbidamente acelerado, o torna mais lento.

Von Stoerck ⁽⁴⁵⁾ lembra: “Se o estramônio arruina a mente e produz a loucura em pessoas sãs, não se deveria deixar de experimentar, se ele em loucos não seria capaz pela mudança das ideias, de recuperar a razão sadia?”

Mas de maneira mais clara, foi um médico de um regimento dinamarquês, *Stahl* que manifestou sua convicção sobre o assunto, dizendo: ⁽⁴⁶⁾ “É totalmente errada e às avessas a regra adotada na arte medicinal, de que se devesse curar por meios contrários (*contraria contrariis*), ele por sua vez estaria convencido de que por um meio capaz de provocar um mal semelhante (*similia similibus*) as doenças retrocederiam e seriam curadas. – Queimaduras por aproximação do fogo, membros congelados por colocar neve em cima e água o mais fria possível, inflamação e esmagamento por destilados espirituosos e desta maneira ele cura a propensão para acidez estomacal por uma dose muito pequena de ácido vitriólico, com o resultado mais feliz, onde se tinha trazido em vão uma porção de pós absorventes”.

Tão perto estava-se às vezes da grande verdade! Mas eles contentavam-se com apenas um breve pensamento e assim a indispensável mudança do antiquíssimo tratamento médico das doenças, das curas inadequadas de até agora para uma arte de curar autêntica, verdadeira e segura ficou não executada até os nossos tempos.

* Tradução do grego realizada pelo Prof. Henrique Graciano Murachco.





Notas da Introdução

¹Mas se sua conduta tivesse sido conforme a razão e a sã filosofia, se para tratar uma enfermidade, tivessem inquirido acerca da causa ocasional próxima ou remota, e depois de haver confirmado com a experiência um plano de tratamento nas enfermidades dependentes de uma mesma causa ocasional, teriam podido depois aplicá-lo com bom resultado às outras de igual origem, assim como por exemplo, o mercúrio, que convindo às úlceras venéreas, é apropriado também às úlceras da glande, que procedam de um coito impuro. Se tivessem compreendido que todas as doenças crônicas (não venéreas) têm por causa a infecção antiga ou recente do miasma da sarna, (Krätz-Miasm), (com Psora), e tivessem encontrado logo um método curativo comum, modificado somente por considerações terapêuticas relativas a cada caso particular, que lhe permitissem curar a todas; então teriam podido afirmar que conheciam a causa das doenças crônicas não venéreas, e que essa causa era reconhecível para tratá-las com sucesso. Porém como não foi assim, e os médicos até hoje não suspeitavam da existência do miasma psórico, cuja descoberta pertence à Homeopatia, claro é que não puderam curar as inúmeras afecções crônicas que afligem o gênero humano. No entanto, lisonjeiam-se de serem os únicos que possuem um tratamento racional dirigido contra a causa primária das enfermidades, sem suspeitar sequer que todas procedem de uma origem psórica, e que não podem curar-se com seus meios de tratamento.

² O médico que trata a enfermidade por seus caracteres gerais, não pode chamar-se Homeopata, pois não é mais que um alopata generalizador, porque é impossível conceber a Homeopatia sem a mais absoluta individualização.

³ Chamados hoje homeopáticos.

⁴ Nos casos em que a natureza havia dado a conhecer a virtude curativa dos medicamentos agindo de maneira homeopática, a escola antiga, que não podia explicar isso, declarava *específicos* à esses agentes, e essa palavra, que falando com propriedade, carecia completamente de sentido, dispensava a reflexão sobre o objeto em questão. Muito tempo faz que estes estimulantes homogêneos, alterantes ou específicos (isto é, homeopáticos) têm sido interditados por exercerem uma influência extremamente perigosa (Raul Uber d. homeopath. Heilderf. Hedelberg.





1824, pág. 101, 102).

⁵ Em uma afecção gástrica, que se apresenta de uma maneira repentina com eructos repugnantes de alimentos estragados, e geralmente com abatimento moral, frio nos pés e nas mãos etc., a medicina comum só se preocupa com o contido no estômago. Segundo ela, deve-se administrar um forte vomitivo para procurar a expulsão das matérias alteradas. Na maioria das vezes cumpre-se essa indicação por meio de antimônio tartárico, misturado ou não com a ipecacuanha. Porém, o enfermo recobra sua saúde depois de haver vomitado? Não. Essas afecções gástricas, *de origem dinâmica*, ordinariamente derivam de alguma forte alteração moral (contrariedade, desgosto, susto), de um resfriamento, de um trabalho mental ou físico, executado logo após ter comido, frequentemente mesmo depois da ingestão moderada de alimento. O antimônio e a ipecacuanha, esses dois medicamentos, não são apropriados para fazer cessar esta desarmonia dinâmica, e muito menos o vômito violento que determinam. Ademais, os sintomas mórbidos particulares do tartarato emético e da ipecacuanha, são uma ofensa a mais à saúde, e a secreção biliar se ressent de dessa desarmonia, de maneira que se o enfermo não é de uma constituição forte, deve ressentir-se *por muitos dias* desse tratamento, dirigido contra a pretendida causa, por mais que se haja expulsado violentamente o contido no estômago. Mas se em lugar desses evacuantes tão prejudiciais, se fizer o enfermo tomar uma só vez um glóbulo de açúcar, do volume de um grão de mostarda, embebido no suco bastante diluído de *Pulsatilla*, que infalivelmente devolve a ordem e a harmonia à economia inteira e no estômago em particular, ele se encontrará curado ao cabo de duas horas. Se há ainda alguns eructos violentos, são unicamente de gases sem sabor nem odor; o contido no estômago não está mais alterado, e na próxima refeição o indivíduo recobrou seu apetite habitual e se acha em perfeita saúde. É a isso que podemos chamar uma verdadeira cura, que destruiu a causa. A outra não tem esse título, senão por usurpação; não faz mais que fatigar o enfermo e prejudicá-lo.

Os medicamentos vomitivos jamais convém a um estômago cheio de alimento, ainda que sejam de difícil digestão. Nesse caso, a natureza sabe desembaraçar-se completamente por nojo, mal estar e vômitos espontâneos, que ela mesma excita, e quando muito pode-se ajudar com titilações mecânicas exercidas no céu da boca e na garganta. Assim evitam-se os efeitos colaterais que resultariam da ação dos vomitivos, e uma





NOTAS DA INTRODUÇÃO

pequena quantidade de efusão de café basta então para fazer passar aos intestinos os materiais que ainda estivessem no estômago.

Porém, somente se depois de haver-se enchido novamente, o estômago não retivesse o alimento ou tendo perdido a irritabilidade necessária para a manifestação do vômito espontâneo, e se o enfermo atormentado de fortes dores no epigástrico, não sentisse o menor desejo de provocar; nessa paralisia da víscera gástrica, o efeito do vomitivo seria determinar uma inflamação perigosa ou mortal das vias digestivas, ao passo que uma efusão de café, dada em pequenas e repetidas doses, reanimaria dinamicamente a debilitada excitabilidade do estômago, e o poria em condição de expulsar por si só, acima ou abaixo, os materiais contidos em seu interior, por maior que fosse a quantidade. Nisso também, os médicos comuns equivocam-se, querendo dirigir o tratamento contra a causa.

Quando o ácido gástrico é muito abundante e reflui à boca, o que não é raro, a prática até hoje admitida, ainda que nas doenças crônicas, exige a administração de um vomitivo para desembaraçar o estômago. Porém, no dia seguinte, ou alguns dias depois, a víscera contém outro tanto, se não mais, dos mesmos materiais que pouco antes se haviam expulsado. As azias ao contrário, cedem por si mesmas, quando se ataca sua causa dinâmica com uma pequeníssima dose de ácido sulfúrico muito diluído, ou melhor ainda, de um medicamento antipsórico, homeopático aos demais sintomas.

E deste modo existem mais curas causais da velha escola, cuja pretensão maior é remover o distúrbio dinâmico com medidas poderosas e difíceis e ainda com desvantagem, sem reconhecer a origem dinâmica do mal, destruí-la com todos os seus produtos e assim *curá-la* completamente.

⁶ Sintomas que dependem unicamente de um miasma psórico, e que cedem facilmente aos antipsóricos (dinâmicos), sem vomitivos nem purgantes.

⁷ Ainda que quase todas as hemorragias morbosas dependam de um desarranjo dinâmico da força vital, a escola antiga, no entanto, lhes assinala como causa a superabundância de sangue, prescrevendo sangrias para desembaraçar o corpo dessa suposta plenitude. As conseqüências fatais que disso resultam, a falta de forças e a tendência ou ainda a transição ao tifo, são colocadas na mesma enfermidade, *sobre a qual então não pode triunfar*. Em resumo, quando o enfermo não melhora, crê que, tendo se conduzido em conformidade com o adágio *causam tolle* cumpriu com tudo o que podia fazer, sem ter que se arrepender do procedimento.





SAMUEL HAHNEMANN

⁸ Ainda que não haja uma só gota de sangue a mais no corpo humano vivo, nem por isso a escola antiga deixa de considerar a pletora e a superabundância de sangue como a causa material principal das inflamações, que deve combater com sangrias, ventosas escarificadas e sanguessugas. A isso é o que ela chama de agir de modo racional, e dirigir o tratamento contra a causa. Nas febres inflamatórias gerais, e nas pleurisias agudas, considera a linfa coagulável que existe no sangue, ou o que se chama crosta, como a *materia peccans*, e se esforça quanto lhe é possível para fazê-la sair por meio de reiteradas sangrias, por mais que essa crosta volte mais espessa ou mais densa a cada nova emissão de sangue. Se a febre inflamatória não quer ceder, derrama sangue muitas vezes até o ponto de matar o enfermo, com o fim de fazer desaparecer a crosta, ou a suposta pletora, sem suspeitar sequer que a inflamação do sangue não é mais que um produto da febre aguda, da irritação inflamatória morbosa, de natureza espiritual (dinâmica), e que essa última é a única causa do grande transtorno que tem lugar no sistema vascular e que se pode destruir com uma dose mínima de um remédio homeopático, por exemplo, com um glóbulo de açúcar embebido com suco de acônito ao decilionésimo grau de diluição, evitando os ácidos vegetais, de tal sorte que a febre pleurítica *mais violenta*, com todos os sintomas alarmantes que a acompanha, cura-se completamente no espaço de vinte e quatro horas, quando muito, *sem nenhuma emissão sangüínea, sem nenhum antiflogístico* (se se tira um pouco de sangue da veia para fazer uma prova, de crosta inflamatória), enquanto que outro enfermo, num todo semelhante, que escapar da morte depois de copiosas sangrias e de cruéis sofrimentos, padece muito comumente meses inteiros, enfraquecido e esgotado em suas forças, e ainda em muitos casos sucumbe à conseqüência de uma febre tifoide, de uma leucoflegmasia, ou de uma tísica ulcerada, conseqüência demasiado frequente de semelhante tratamento.

Quem pôde apreciar o pulso tranquilo do indivíduo uma hora antes do calafrio que precede sempre à pleurisia aguda, não pode deixar de surpreender-se duas horas depois, quando se manifestou o calor, persuadindo-lhe que a enorme pletora que existe reclama reiteradas sangrias, e admira-se perguntando por qual milagre se pôde infundir as libras de sangue, cuja emissão se reclama, nos mesmos vasos do enfermo que duas horas antes batia com um movimento tão lento. Pode, no entanto, pois não há em suas veias uma onça de sangue a mais da que havia antes, quando





NOTAS DA INTRODUÇÃO

o paciente estava em perfeita saúde, e assim também duas horas antes.

Assim, quando o partidário da medicina alopática pratica suas emissões sangüíneas, não é um sangue supérfluo o retirado do enfermo afetado de uma febre aguda, pois que esse líquido jamais existe em excesso, priva-o sim da quantidade de sangue normal e indispensável à vida e ao restabelecimento da saúde, perda enorme que já não está em seu poder de reparação. No entanto, crê ter agido segundo o axioma *causam tolle*, ao qual dá uma falsa interpretação, enquanto que a única e verdadeira *causa da enfermidade* não é uma superabundância de sangue que na realidade jamais existe, mas sim uma irritação inflamatória dinâmica do sistema sangüíneo, como o *prova a cura* que em semelhantes casos se obtém pela administração, em doses extremamente fracionadas, do suco de acônito, que é homeopático a essa irritação.

A escola antiga não diminui tão pouco as emissões sangüíneas parciais, e sobretudo aplicações copiosas de sanguessugas no tratamento das inflamações locais. O alívio paliativo que disso resulta nos primeiros momentos, não vai coroado de uma cura completa e rápida, longe disso, a debilidade e o estado enfermiço a que fica exposta a parte que desta maneira foi tratada, e às vezes também todo o corpo, demonstram quão mal se havia atribuído a inflamação local à uma pletora, e quão tristes são os resultados das emissões sangüíneas, enquanto que essa irritação inflamatória, de aparência local, que é puramente dinâmica, pode destruir-se de maneira pronta e duradoura com uma pequena dose de acônito, ou segundo as circunstâncias, de beladona, meio pelo qual a enfermidade é curada sem necessidade de recorrer às sangrias, que nenhuma utilidade têm.

⁹ A vida estava em perigo quando da injeção de um pouco de água em uma veia (Mull, History of royal society, vol. IV).

O ar atmosférico introduzido nas veias, causou a morte (J.H. Voigt, Magazin fuer den neuesten Zustand der Naturkunde, t. III. pág. 25).

Os líquidos, ainda que os mais suaves, introduzidos nas veias, põe a vida em perigo (Autenrieth, fisiologia, II - § 784).

¹⁰ Uma menina de oito anos, tendo sido mordida por um cão raivoso, em Glasgow, sofreu uma excisão, efetuada por um cirurgião, sobre toda a parte afetada pelos





SAMUEL HAHNEMANN

dentos, o que não impediu que trinta e seis dias depois, se desenvolvesse a raiva, da qual morreu ao cabo de dois dias (Med. comment. Of Edinb., dec. II, vol. II, 1793).

¹¹ Para explicar a produção de quantidade tão considerável de materiais fecais pútridos e de materiais fétidos ulcerosos, que se observam frequentemente nas enfermidades, e poder apresentar essas substâncias como a causa que produz e mantém o estado mórbido, ainda que no momento da infecção nada de material se tenha visto penetrar no corpo, se tem imaginado outras hipóteses, que consiste em admitir que certos princípios contagiosos muito sutis, agem no corpo como fermentos, comunicando seu mesmo grau de corrupção aos humores, e convertendo-os desse modo num fermento comum que mantém e alimenta a enfermidade. Porém, por meio de quais beberagens depurativas espera-se livrar o corpo de um fermento que renasce sem cessar, e separá-lo tão completamente da massa dos humores, para que não fique a menor partícula, a qual, segundo a hipótese admitida, haveria de corromper esses humores, e reproduzir, como antes, novos princípios? A que grosseiras inconseqüência conduzem as hipóteses, ainda que as mais sutis, quando descansam num erro! Segundo essa escola seria impossível a cura das enfermidades. A sífilis mais marcada, depois de separada a Psora que comumente a complica, se cura somente com a influência de uma ou duas doses muito pequenas da *trigésima diluição* do mercúrio metálico, e a alteração sífilítica geral dos humores se extingue para sempre de maneira dinâmica.

¹² Se fosse assim, bastaria assoar bem para curar-nos, infalível e rapidamente, qualquer coriza, mesmo a mais inveterada.

¹³ Nas enfermidades verminosas, a expulsão dos vermes tem certa aparência de necessidade. Acham-se lombrigas em algumas crianças, e oxiúros em muitas dessas; porém esses parasitas dependem de uma afecção geral, unida à condições insalubres. Melhorem-se essas condições e cure-se homeopaticamente a Psora, sempre mais fácil nesta idade que em outra qualquer época da vida, e não haverá mais vermes, e as crianças terão uma saúde completa, ao passo que reaparecem em grande número depois do uso de purgantes, sozinhos ou associados à *Semen contra* (*).

Porém se dirá, talvez, que é mister não descuidar-se nem deixar nada por fazer para expulsar do corpo o verme solitário, esse monstro criado para tormento do gênero humano.





NOTAS DA INTRODUÇÃO

Certo é que se faça sair *algumas vezes* a tênia. Mas, à custa de quantos sofrimentos consecutivos e de quantos perigos para a vida! Não queria ter sobre minha consciência a morte de todos aqueles que têm sucumbido à violência dos purgantes dirigidos contra esses vermes, e os anos de languidez que sofreram os que escaparam da morte. E, quantas vezes ocorre, que depois de haver repetido por muitos anos consecutivos esses purgantes, destruidores da saúde e da vida, o animal não sai, ou se sai se reproduz? Que seria pois, se não houvesse a menor necessidade de expulsá-lo e matá-lo por meios violentos e cruéis, que tão frequentemente comprometem a vida do enfermo? As diversas espécies de tênia só se encontram em indivíduos psóricos, e desaparecem sempre que se cura a Psora. Até o momento da cura vivem sem incomodar muito o homem, não em imediato contato com os intestinos, mas sim envoltos nos resíduos dos alimentos, ou submersos como em um mundo próprio para eles, onde vivem tranquilos, encontrando o necessário para sua nutrição. Durante estas circunstâncias, não tocam as paredes do intestino, nem causam nenhum incômodo nem dano à pessoa que os contém. Porém, se se apodera do indivíduo alguma enfermidade aguda, o contido nos intestinos torna-se insuportável para o animal, que se revolve incessantemente, irritando as paredes sensíveis do tubo intestinal excitando uma espécie de cólica espasmódica, contribuindo com os sofrimentos dos enfermos (da mesma maneira, o feto não se agita, nem se move na matriz, senão quando a mãe está enferma, e permanece tranquilo na água em que nada, enquanto que aquela está sã).

Faz-se digno de nota que os sintomas que se observam nesta época, nos que têm verme solitário, são de natureza tal, que a tintura de feto macho, à doses pequenas, os faz desaparecer rapidamente de uma maneira homeopática, porque faz cessar o que na enfermidade ocasionava a agitação do parasita. Encontrando-se depois o animal a seu gosto, continua vivendo tranquilamente em meio dos materiais intestinais, sem incomodar sensivelmente o enfermo, até que o tratamento antipsórico esteja bastante adiantado, para que o verme já não encontre no conteúdo do canal intestinal as substâncias que lhe possam servir de alimento, e desapareça para sempre, sem necessidade de qualquer purgante.

(*) Nota do Trad. Bras. : *Cina*.

¹⁴ Em lugar de extinguir o mal com prontidão e sem esgotar as forças, como faz





SAMUEL HAHNEMANN

a Homeopatia, com o auxílio de medicamentos dinâmicos homogêneos, dirigidos contra as partes afetadas do organismo.

¹⁵ Como se pudéssemos derivar qualquer coisa de natureza espiritual! Sempre é uma matéria morbífica, por mais sutil que se a suponha.

¹⁶ Só as enfermidades medianamente agudas costumam, quando seu tempo de duração está terminando, como se diz, indiferenciar e acabar calmamente, quer tenham sido empregados medicamentos alopáticos não muito agressivos, ou não; a força vital reanimando-se, substitui pouco a pouco o estado normal ao anormal, que desaparece gradualmente. Porém nas doenças muito agudas e nas crônicas, que formam a imensa maioria daquelas a que o homem está sujeito, falta esse recurso, tanto à natureza medicatriz como a escola antiga; aqui, os esforços espontâneos da força vital e dos procedimentos imitadores da alopatia são impotentes para conseguir uma resolução, e quando muito, pode alcançar-se uma trégua de curta duração, durante a qual o inimigo reúne suas forças para, cedo ou tarde, reaparecer mais temível que nunca.

¹⁷ Esta expressão significa que se suporia também a presença de uma matéria morbífica para dissolver e expulsar.

¹⁸ A medicina comum considera os meios que a natureza emprega para refazer-se, naqueles enfermos que não fazem uso de medicamentos nenhum, como modelos perfeitos, dignos de imitar, mas achava-se completamente errada. Os miseráveis e extremamente incompletos esforços que a força vital faz para auxiliar a si mesma nas enfermidades agudas, são um espetáculo que deve excitar o homem a um descontentamento com uma estéril compaixão, e a desdobrar todos os recursos de sua inteligência, para conseguir uma cura radical, pondo termo a estes tormentos que a natureza impõe-se a si mesma. Se a força vital não pode curar homeopaticamente uma enfermidade já existente no organismo, produzindo outra enfermidade nova e *semelhante* a esta (§ 43-46), o que de fato é muito raro que esteja em seu poder (§ 50), e se o organismo, privado de todos os socorros exteriores, está por si só encarregado de triunfar sobre uma enfermidade que acaba de aparecer (sua resistência é de todo impotente nas afecções crônicas), não vemos mais que esforços dolorosos da natureza do indivíduo, e muitas vezes perigosos, para salvar-se, esforços que não raro, venham sucedidos de morte.





NOTAS DA INTRODUÇÃO

Tão pouco como nós humanos não podemos ver o que ocorre na economia da vida sadia, tão certo isto tenha que ficar oculto a nós, criaturas, quanto certo é que fique abertamente visível ao olho do Onisciente Criador e Mantenedor de suas criaturas, tão pouco também podemos ver o que acontece no interior da vida perturbada, nas doenças. Alterações que se verificam nas enfermidades, não se anunciam senão pelas mudanças perceptíveis, pelos sintomas, único meio pelo qual nosso organismo pode expressar as alterações surgidas em seu interior, de sorte que em cada caso dado, nem sequer sabemos quais são, entre os sintomas, os devidos à ação primitiva da enfermidade, e os que derivam das reações por meio das quais a força vital procura evitar o perigo. Uns e outros confundem-se entre si à nossa vista, e não nos oferecem senão uma imagem refletida ao exterior de todo mal interior, posto que os esforços infrutíferos pelos quais a vida, abandona a si mesma, trata de fazer cessar a enfermidade, são também sofrimentos do organismo inteiro. Aqui está o motivo pelo qual as evacuações que a natureza ordinariamente promove ao término das enfermidades que a invadiram abruptamente, que é o que se chama de crises, servem mais de prejuízo que de alívio.

O que a força vital faz em suas pretendidas *crises*, e o modo como as realiza, são mistérios para nós, do mesmo modo que todos os atos interiores que se efetuam na economia orgânica do homem. O que, no entanto é certo, é que durante estes esforços há mais ou menos partes que sofrem e que são sacrificadas para salvar as demais. Estas operações da força vital, que combatem uma enfermidade aguda segundo as leis de constituição orgânica do corpo, e não segundo as inspirações de um pensamento reflexivo, não são, na maioria das vezes, senão uma forma de alopatia. Com o objetivo de livrar através de uma crise os órgãos primitivamente afetados, aumenta a atividade dos órgãos secretores, para os quais deriva a afecção dos órgãos distantes; sobrevêm assim vômitos, diarréias, fluxos de urina, suores, abcessos etc., e a força nervosa, atacada dinamicamente, trata em certo modo de descarregar-se por meio de produtos materiais.

A natureza do homem, abandonada a si mesma, não pode livrar-se das enfermidades agudas senão pela destruição e sacrifício de uma parte do organismo, e se a isso não se segue à morte, a harmonia da vida e da saúde não pode restabelecer-se senão de uma maneira lenta e incompleta.

A grande debilidade, o emagrecimento etc., a que os órgãos que têm estado





SAMUEL HAHNEMANN

expostos aos ataques do mal, e até mesmo o corpo inteiro, padecem depois de uma cura espontânea, provam muito exatamente o que se acaba de expor.

Em uma palavra, todo o andamento das operações, pelas quais o organismo por si só trata de desembaraçar-se das enfermidades que padece, não mostra ao observador mais que um tecido de sofrimentos, e nada o faz ver que possa ou que deva imitá-las, se quer realmente exercer a arte de curar.

¹⁹ A experiência prova diariamente a imperfeição deste procedimento para curar. Assim, pouquíssimas vezes efetua-se uma cura perfeita. Alguém poderia lisonjear-se de haver conseguido uma vitória, se ao invés de atacar seu inimigo frontalmente e com armas iguais, terminando o combate por sua morte, se limitasse a incendiar o país que deixa atrás de si, a cortar-lhe toda a retirada, e a destruir tudo ao seu redor? Com tais meios conseguir-se-ia irritar e crescer o valor de seu adversário, sem que se conseguisse, no entanto, o objetivo desejado; o inimigo não está aniquilado, ainda existe, e quando puder prover outra vez seus armazéns, erguerá novamente a cabeça, mais temível que antes. Entretanto o pobre país, inocente na questão, fica destruído de tal modo que só com o tempo poderá recobrar seu antigo esplendor. Aqui está o que acontece com a alopatia nas enfermidades crônicas, quando sem curar a enfermidade, arruina e destrói o organismo por ataques indiretos contra órgãos distantes do sítio do mal. Esta é sua arte tão beneficente!

²⁰ Que bons resultados têm tido estes abcessos fétidos mantidos artificialmente, chamados de cautérios? Se nos primeiros quinze dias, enquanto causam muitas dores, parecem diminuir, por seu antagonismo, a enfermidade crônica, mais tarde, quando o corpo habitua-se à dor, não têm *outro efeito* senão o de debilitar e abrir assim um campo mais vasto à afecção crônica. Seria possível que no século XIX houvessem médicos que ainda considerassem estes exutórios como sumidouros pelos quais se arroja a *materia peccans*? Estamos quase inclinados a crer que sim, em vista da profusão com que se empregam.

²¹ Nem as evacuações produzidas pela arte o tem conseguido tão pouco.

²² Estas são as conseqüências da supressão dos sintomas locais de que se trata, conseqüências que o médico alopatia olha muitas vezes como enfermidades novas e de todo diferentes.

²³ Não é raro, no entanto, que a antiga escola permita-se a uma marcha inversa,





NOTAS DA INTRODUÇÃO

isto é, que quando os esforços da energia vital que tendem a aliviar o mal interno pelas evacuações ou pela produção de sintomas locais externos prejudicam notadamente o enfermo, despençam então contra eles, todo o aparato de seus repercussivos: combate assim as dores crônicas, a insônia e as diarreias antigas, com o ópio em grandes doses; o vômito, com as poções efervescentes; os suores fétidos dos pés, com os pedilúvios frios e fomentos adstringentes; os exantemas, com as preparações de chumbo e de zinco; as hemorragias uterinas, com injeções de vinagre; os suores coliquativos, com o soro aluminoso; as poluções noturnas, com uma grande quantidade de cânfora; os acessos de calor no corpo e nas faces, com o nitro, os ácidos vegetais e o ácido sulfúrico; as epistaxes, com o tamponeamento das narinas, com tampões embebidos em álcool ou em líquidos adstringentes; as úlceras fétidas dos membros inferiores, com os óxidos de zinco e de chumbo etc. Porém milhões de fatos atestam o quão prejudiciais são os resultados de semelhante prática.

O partidário da escola antiga, assegura de palavra e por escrito, que exerce uma medicina racional e que busca a causa das enfermidades para curá-las sempre radicalmente, quando em verdade não combate mais que um sintoma isolado, e sempre com grande prejuízo do enfermo.

²⁴ Propriamente falando, é enantiopático, do qual me ocuparei no texto do Organon (§ 59).

²⁵ As pessoas afetadas por surdez melhoravam com choques moderados de uma pilha voltaica do farmacêutico de Jeverschen, apenas por algumas horas – que logo não surtiam mais efeito. Ele precisava para conseguir um resultado análogo aumentar os choques, até que estes também não adiantavam mais; no começo os choques mais fortes possíveis ainda conseguiam excitar o ouvido para deixá-lo logo depois completamente surdo.

²⁶ Apesar disso, um dos superiores desta velha escola, *Hufeland*, (v. Homöopathie, pág. 22) exalta as qualidades da digitalis enaltecendo a si mesmo com as palavras: ninguém negará (apenas a experiência repetida o faz) que a circulação forte demais *pode ser removida por digitalis*. Permanentemente removida? Por um meio enantiopático heroico? Pobre Hufeland!

²⁷ Em vão *Hufeland* quis fazer honrar à sua escola antiga, dizendo que ela entrega-se a esta investigação, pois se sabe que antes da publicação de meu Trata-





SAMUEL HAHNEMANN

do das doenças crônicas, a alopatia havia ignorado durante vinte e cinco séculos a verdadeira origem destas afecções (a Psora). Assim, não teria ele que inventar uma falsa fonte (gênese) para as doenças crônicas?

²⁸ Ver os *Prolegômenos* de meu *Tratado de matéria médica pura*, t. I, pág. 1, cap. *Fontes de matéria comum*. Antes da terceira parte da *Matéria Médica Pura*: *Fontes da Matéria Médica de até agora*.

²⁹ Houve homens na escola comum que reconheceram o absurdo das misturas de medicamentos, ainda que eles mesmos seguissem essa eterna rotina condenada por sua razão. Marcus Herz, expressava-se da seguinte maneira: (Journal de Hufeland, II, pág. 33): e “Se se trata de fazer cessar o estado inflamatório, não empreguem nem o nitro, nem o sal amoníaco, nem os ácidos vegetais, mas sim ordinariamente e misturados muitos antiflogísticos, ou melhor, o façamos alternar uns aos outros. Se se trata de resistir à putridez, não nos basta para alcançar esse objetivo, administrar em grande quantidade qualquer dos antissépticos conhecidos, a quina, os ácidos minerais, a arnica, a serpentária etc., mas sim reunirmos muitos deles esperando melhores resultados de sua ação combinada, ou melhor, ignorando o que mais conviria no caso presente, acumulamos muitas substâncias e deixamos à casualidade o cuidado de fazer que se produza por umas ou por outras, o alívio que desejamos. Assim excitamos o suor, purificamos o sangue, resolvemos obstruções, provocamos a expectoração, e tão raramente, com a ajuda de um só meio. Para esse resultado, nossas fórmulas são sempre complicadas, quase nunca são simples e puras, não podemos considerá-las como *experimentos relativos aos efeitos das diversas substâncias que entram em sua composição*. Em verdade, em nossas fórmulas estabelecemos de maneira doutoral uma hierarquia entre os meios, e chamamos *base* àquele ou a quem propriamente falando, confiamos o efeito, dando aos outros nomes de *ajudantes*, *corretivos* etc. Porém é evidente que essa classificação é em grande parte arbitrária. Os *ajudantes* contribuem também ao efeito total como a base, ainda que não possamos determinar seu grau de ação. A influência dos *corretivos* sobre as virtudes dos ditos meios, tampouco pode ser indiferente, deve aumentá-las, diminuí-las ou imprimir-lhes outra direção. A mudança saudável que determinamos com a ajuda de semelhante fórmula, deve sempre ser considerada como o resultado da reunião de seu conteúdo, *sem que dele*





NOTAS DA INTRODUÇÃO

possamos deduzir nada relativo à atividade especial de cada um dos medicamentos de que se compõe. Sabemos muito pouco para conhecer o que há de essencial em todos os medicamentos, e nossos conhecimentos são muito limitados para saber as afinidades que se manifestam, talvez às centenas, quando se misturam uns com os outros, para que possamos dizer com certeza quais são o modo e o grau de energia de uma substância ainda a mais indiferente em aparência, quando esteja introduzida no corpo humano, combinada com as outras”.

³⁰ A verdade é eterna, como a própria divindade. Ainda que os homens possam negligenciá-la por muito tempo, chegará por fim o dia em que, cumprindo os altos desígnios da Providência, seus raios penetrem a nuvem das preocupações, e derramem sobre a espécie humana uma claridade benéfica, que nada será capaz de extinguir.

³¹ Exemplos disto estão na edição anterior do Organon da arte de curar. Se nos casos que eu vou referir, as doses dos medicamentos forem superiores às que prescreve a medicina homeopática, naturalmente disto se segue o perigo que em geral ocasionam as altas doses de agentes homeopáticos. No entanto, em diversas circunstâncias, que nem sempre é fácil descobrir, comumente se observa que doses muito consideráveis de remédios homeopáticos curam sem causar prejuízo notável, seja porque a substância perdeu sua energia, seja porque sobrevêm evacuações abundantes, resultando na destruição da maior parte do efeito do remédio, seja, enfim, porque o estômago recebeu ao mesmo tempo outras substâncias capazes de neutralizar o poder das doses, por sua ação antidotária.

³² Assim acreditavam expulsar a matéria exalada, supostamente encontrada na pele após resfriamento, quando mandavam beber na fase de frio da febre do resfriado, chá de flor de sabugueiro, que por uma semelhança de efeito peculiar (homeopática) pode fazer desaparecer uma febre destas e restabelecer o doente, da melhor e mais rápida maneira sem suor, se ele ingerisse pouco desta bebida e não tomasse mais nada – as intumescências duras e agudas cuja inflamação demasiadamente forte impede, sob dores insuportáveis, que se transforme numa purgação, eles tratam com cataplasmas muito quentes e sempre renovados e, veja só, a inflamação e as dores diminuem rapidamente com a breve formação do abscesso, como é perceptível pela saliência amarelada, lustrosa e a maciez sensível; imaginam então terem amolecido a dureza com a umidade do mingau, sendo que haviam aquietado





SAMUEL HAHNEMANN

o excesso de inflamação homeopaticamente pelo *calor* mais forte do cataplasma e assim possibilitado a mais breve formação de pus. Porque eles empregavam com sucesso em muitas oftalmias a pomada de St. Yves, cujo ingrediente principal é o óxido vermelho de mercúrio, quando este pode produzir inflamações dos olhos, em qualquer caso? É difícil perceber que agem aqui homeopaticamente? Como um pouco de suco de salsa determinaria um alívio instantâneo na disúria, tão frequente nas crianças, e na gonorréia comum, principalmente tão notável nos vãos e dolorosos esforços para urinar que a acompanham, se esse suco não possuísse por si mesmo a faculdade de excitar, nos indivíduos sãos, desejos dolorosos para urinar e quase impossível de satisfazer, e se por conseguinte, não curasse homeopaticamente? A raiz da pimpinella, que promove uma abundante secreção da mucosidade nos brônquios e na garganta, serve para combater com êxito a angina chamada mucosa, e também se detêm algumas metrorragias com uma pequena dose das folhas de sabina, que possuem por si mesmas a propriedade de determinar hemorragias uterinas, e em uma e outra circunstâncias se age sem conhecer a lei homeopática. O ópio, que em pequenas doses obstipa o ventre, é um dos mais seguros e principais meios contra a constipação que acompanha as hérnias estranguladas e ao volvo, sem que esse descobrimento tenha conduzido ao da lei homeopática, cuja influência era, no entanto, em semelhante caso tão sensível. Têm-se curado úlceras não venéreas da garganta, com pequenas doses de mercúrio, que então agia homeopaticamente. Muitas vezes se deteve a diarréia por meio do ruibarbo, que determina evacuações intestinais. Curou-se a raiva com beladona, que ocasiona uma espécie de hidrofobia. Fez-se parar, como por encanto, o coma, tão perigoso nas febres agudas, por meio de uma pequena dose de ópio, substância dotada de virtudes aquecedoras e estupefaciente. E depois de tantos exemplos que tão alto falam, vêm, todavia, médicos que perseguem a Homeopatia com uma crueldade, que só mostra uma consciência atormentada de remorsos, e um coração incapaz de corrigir-se!

³³ M. Lux. Estabeleceu sobre estes exemplos tirados da prática doméstica, seu método curativo *per idem (aequalia aequalibus)* que designa com o nome de Iso-patia, e que algumas cabeças excêntricas olham como o *non plus ultra* da arte de curar, sem saber como poderão realizá-lo.

Porém, a questão toma outro aspecto, se se julgam conscienciosamente estes exemplos.





NOTAS DA INTRODUÇÃO

As forças puramente físicas são de uma natureza diferente das forças dinâmicas dos medicamentos em sua ação no organismo vivo.

O calor e frio do ar ambiente, da água ou dos alimentos e bebidas, não exercem *por si mesmos* uma influência absolutamente prejudicial no corpo são. Uma das condições da manutenção da saúde, é que o frio e o calor alternem, porém, por si só não agem como medicamentos. Quando nas enfermidades se conduzem como meios curativos, não é em virtude de sua essência, ou porque sejam substâncias por si mesmas prejudiciais, como o são os medicamentos como por exemplo ruibarbo, china etc., ainda que nas doses mais fracionadas, senão unicamente em razão de sua quantidade, mais ou menos considerável, isto é, por seu grau de temperatura; do mesmo modo que, valendo-se do exemplo de forças puramente físicas, uma massa de chumbo machuca dolorosamente minha mão, não porque seja chumbo, posto que uma lâmina delgada não produziria este efeito, senão porque encerra muito metal e é muito pesada.

Se pois, o frio e o calor, são úteis em certas afecções do corpo, tais como os congelamentos e as queimaduras, é somente por razão do grau; assim também, somente quando atingem um grau extremo é que atacam a saúde do corpo.

Uma vez isto estabelecido, encontramos que nos exemplos tirados da prática doméstica, não é a aplicação prolongada do grau de frio que congelou o membro, o que o restabelece isopaticamente, posto que muito longe disso, extinguiria a vida irremissivelmente, mas sim a de um frio aproximado tão só homeopaticamente, e levado pouco a pouco a uma temperatura suportável. Assim, a couve fermentada gelada, que dentro de uma habitação se aplica sobre um membro congelado, não tarda em degelar-se, e em curar também o membro de maneira física homeopática. Igualmente uma queimadura, feita na mão com água fervendo, não cura voltando a aplicar água fervendo, submergindo o membro em líquido a sessenta graus, cuja temperatura diminui a cada instante, até nivelar-se com o aposento. De batatas e maçãs não é a água em ponto de gelo que retira o congelamento isopaticamente, mas sim água somente próxima ao ponto de congelamento. Do mesmo modo, para apresentar outro exemplo de ação física, a dor e a tumefação, causados por um golpe recebido na fronte, diminui homeopaticamente quando se apoia sobre a parte afetada, com energia a princípio, e logo com força sempre decrescente, enquanto





SAMUEL HAHNEMANN

que um golpe semelhante ao que o ocasionou, longe de acalmá-los, o aumentaria isopaticamente.

Pelo que respeita aos fatos que M. Lux refere como curas isopáticas, tais como umas contrações do homem e uma paralisia da coluna em um cachorro, ambas ocasionadas por um resfriamento, e que cederam em pouco tempo ao banho frio, não podem ser explicadas pela isopatia. Os acidentes que designados pelo nome de resfriamento, são atribuídos impropriamente ao frio, posto que comumente se vêm sobrevir nos indivíduos predispostos, depois da ação de uma corrente rápida de ar, ainda que nem sequer fosse fresco. Os diversos efeitos do banho frio no organismo vivo, no estado de saúde e de enfermidade, não podem tampouco, olhar-se sob um único ponto de vista, para que sobre ele possa se fundar um sistema arriscado. Que picadas de cobra possam ser curadas com aplicações na ferida por pedaços desses animais, ainda são fábulas dos tempos antigos, até que uma afirmação tão inverossímil dessas possa ser confirmada através de observações e experiências confiáveis, fato que certamente nunca ocorrerá. Enfim, que um homem hidrófobo haja sido curado da raiva, segundo se diz, administrando-lhe a saliva de um cão raivoso na Rússia, não é suficiente para induzir ao médico consciencioso a repetir semelhante prova, nem para justificar a adoção de um sistema tão pouco verossímil e perigoso, como o da isopatia, que excêntricos seguidores adotam (não o modesto autor do livrinho *A Isopatia dos Contágios*, Leipz.b.Kollmann) em especial o doutor Gross (vide allg. Hom. Z. H. pág. 72) que prega ser esta isopatia (*aequalia aequalibus*) a única tese certa para a cura e encontra no *similia similibus* apenas um expediente, sendo nisto bastante ingrato, pois apenas ao *similia similibus* é que se deve a fama e a fortuna conseguidos.

³⁴ Fernelius (Therap. liv. VI, cap. 20) considerava a exposição da parte queimada ao fogo, como o meio mais a propósito para fazer cessar a dor. John Hunter (on the blood, inflammation etc., pág.218) cita os graves inconvenientes do tratamento das queimaduras com água fria, e prefere muito mais o método de aproximar as partes ao fogo. Nisto se separa das doutrinas médicas tradicionais, que prescrevem os refrigerantes na inflamação (*contraria contrariis*), porque a experiência lhe havia ensinado, que um calor homeopático (*similia similibus*) era o meio mais saudável.

³⁵ Sydenham (Opera, pág.271) disse que as reiteradas aplicações de álcool, são preferíveis a todo outro meio nas queimaduras. Benj. Bell (System of surgery, third edit.,





NOTAS DA INTRODUÇÃO

1789) respeita igualmente a experiência, que indica os remédios homeopáticos como os únicos eficazes. Eis aqui o modo como se expressa: “O álcool é um dos melhores remédios contra as queimaduras de todo gênero. Quando se aplica, parece, a princípio, aumentar a dor (ver mais adiante, § 64)(*), porém é passageiro, e logo é substituído por um sentimento de agradável calma. Nunca é tão poderoso esse método como quando se submerge a parte no álcool; porém se não pode praticar a imersão, é mister manter a queimadura constantemente coberta com uma compressa embebida nesse líquido”. Eu assinalo, *que o álcool quente ou ainda muito quente, alivia de maneira mais rápida e mais certa, porque é mais homeopático que o álcool frio*. Isto é o que a experiência confirma.

³⁶ Edw. Kentish, que tinha que curar trabalhadores queimados, comumente de modo horrível, nas minas de ulha, pela explosão de gases inflamáveis, os fazia aplicar essência de terebintina quente ou álcool, como o melhor meio que se podia empregar nas queimaduras graves (Essay on burns, Londres, 1798). Nenhum tratamento pode ser mais homeopático que esse, nem há tão pouco outro que seja mais eficaz. O honrado e muito experiente *Heister* (Institut. Chirurg. Tomo I pág.333) confirma isto com sua prática e prega “a aplicação de óleo de terebintina, de álcool e cataplasmas o mais quente que a pessoa possa aguentar”.

Mas a vantagem mais incontestável que se pode notar destas sensações de ardor e queimaduras (aqui homeopáticos); produzidos por agentes colocados sobre as partes queimadas com relação aos agentes paliativos refrescantes e refrigerantes foram em experiências *puras*, onde os dois tratamentos opostos foram aplicados no mesmo corpo, no mesmo grau de queimadura, apenas a título de comparação.

Jonh Bell (em Kühn’s phys. med. Journale, Leipz. 1801 jun. pág.428), tendo que curar uma senhora que se havia queimado em ambos os braços com caldo, cobriu um com essência de terebintina, e o outro o submergiu em água fria. O primeiro já não causava dor em meia hora, enquanto que o segundo continuou doloroso por espaço de seis horas; desde quando o tirava da água experimentava nele dores muito agudas, e a cura desse braço exigiu muito mais tempo que a do outro.

Jonh Anderson (em Kentish, loc. Cit., pág.43) também curou uma mulher que se havia queimado no rosto e no braço com gordura fervendo. Alguns minutos depois, cobriu-se o rosto, que estava muito vermelho e doloroso, com azeite de terebintina, e quanto ao braço, a enferma já o havia submerso em água fria, manifestando o

(*) N.T.: Ver § 64.





SAMUEL HAHNEMANN

desejo de esperar pelos efeitos desse tratamento. Ao cabo de sete horas, o rosto estava melhor e a enferma muito aliviada. Com relação ao braço, ao redor do qual se havia renovado continuamente a água, tinha nele dores fortes desde que o tirou do líquido, e a inflamação havia aumentado. No dia seguinte soube que a enferma tinha grandes dores, a inflamação se havia estendido para cima do cotovelo, haviam rebentado muitas e grandes bolhas, e se haviam formado grossas escaras no braço e na mão, que se cobriram então com um cataplasma quente. O rosto não causava a menor sensação dolorosa; mas foi preciso empregar os emolientes por espaço de quinze dias para conseguir a cura do braço.

Quem não vê aqui a imensa vantagem do tratamento homeopático, isto é, de um agente produtor dos efeitos semelhantes ao mal, sobre o método antipático que prescreve a escola antiga?

³⁷ J. Hunter não é o único que assinala os graves inconvenientes do tratamento das queimaduras por meio de água fria. Fabric von Hilden (*De combustionibus libellus*, Basil. 1607, cap. V, pág. 11), assegura igualmente, que os fomentos frios são muito prejudiciais nestes casos, posto que produzem efeitos desagradáveis, como a inflamação, supuração e às vezes a gangrena.

³⁸ Zimmermann (*De l'Experience*, t.II, pág. 318) nos ensina que os habitantes de países quentes o utilizam com o mais feliz êxito, e que costumam beber uma pequena quantidade de licor espirituoso quando se sentem muito acalorados.

³⁹ Ao citar as seguintes passagens de escritores que pressentiram a Homeopatia, minha intenção não é a de provar a excelência deste método, que por si mesmo se estabelece, mas sim a de evitar que me acusem de haver silenciado sobre estas espécies de pressentimentos, para apropriar-me da ideia.

⁴⁰ Basil. Froben 1538, pág. 72

⁴¹ Mémoires de l'académie royale, 1710.

⁴² Eph. nat. cur., cent. X, obs. 76

⁴³ Medicin. Elektricitaet, II, pág. 15 e 282

⁴⁴ Mémoire lu à l'acad. de Caen.

⁴⁵ Libell. de stram, pág.8

⁴⁶ J. Hummel, Comment de arthritide tam tartarea, quam scorbutica, seu podagra et escorbuto. Büdingae 1738. 8, pág.40-42.





ORGANON

DA ARTE DE CURAR

